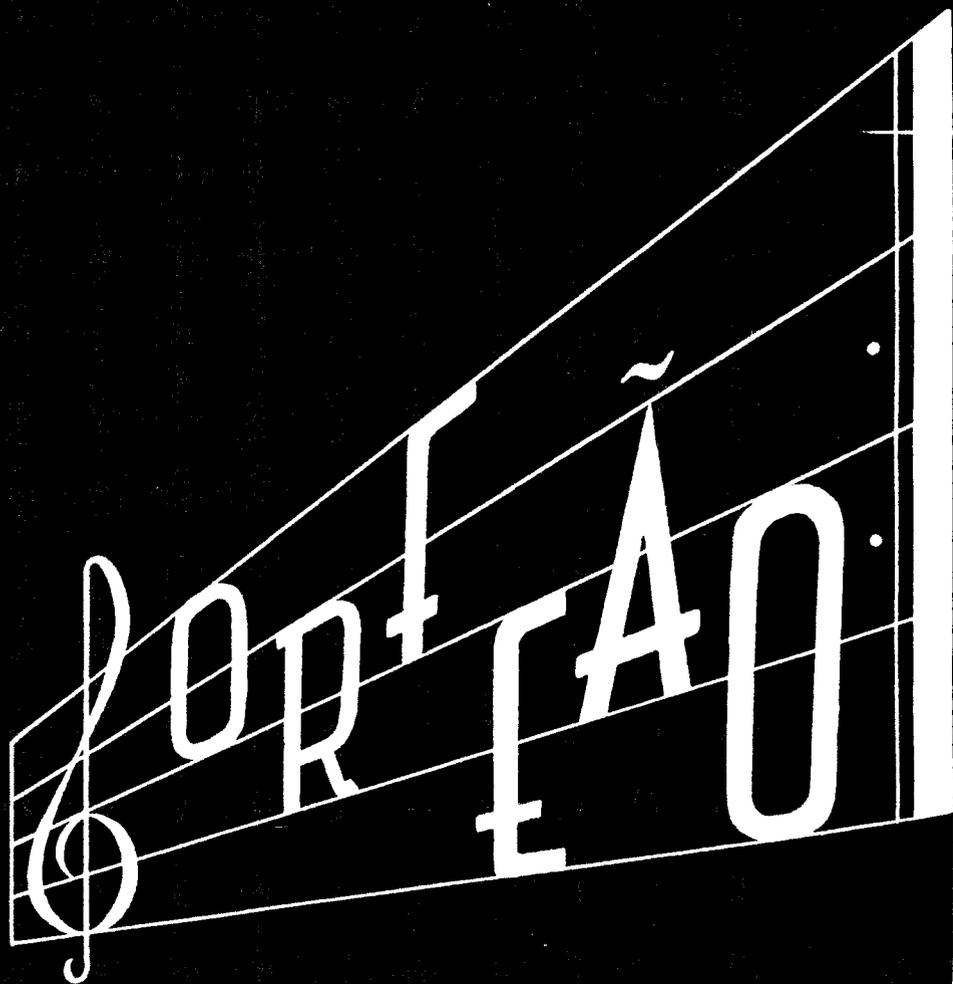


ORFEÃO
UNIVERSITÁRIO
DO PORTO





TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES • CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

DIRECTOR - EDITOR

REDACTORES

ADJUNTOS À REDACÇÃO

ADMINISTRADOR

ADJUNTOS

EDUARDO DELGADO BEIRÃO REIS

SEBASTIÃO OLIVEIRA CARNEIRO

ISMAEL DE OLIVEIRA CAVACO

RAUL GUIMARÃES LOPES

LUIS BARATA DA ROCHA

JORGE REIS LIMA

RUI VASCONCELOS BESSA

FERNANDO SÉRGIO SALGADO AMARAL

RUI ALBERTO MOREIRA OSÓRIO

SUMÁRIO

O Orfeão Universitário do Porto no IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro por Prof. Eng. Manuel Correia de Barros	2
Um as palavras por Prof. Dr. Amândio Tavares	3
Laços Hipocráticos do Porto e Brasil por Prof. Dr. Luiz de Pina	4
Coral sem fim por Dr. Francisco de Almeida	8
O Matemático Francisco Gomes Teixeira por Dr. Paulo Pombo	9
Estaleiros do Rio Douro por Cap. de Fragata Coutinho Lanhoso	13
Como nasce um Orfeonista Por Flávio Serzedello	16
Poesia	20-21 e 34
Como nasceu e o que tem sido o O. U. P.	22
Maestro Afonso Valentim O seu talento e dedicação ao serviço do O. U. P.	25
A actividade artística do O. U. P. por Eduardo Beirão Reis	26
Nótulas Históricas da Cidade do Rio de Janeiro	27
Histórias Académicas	28
Portugal e Brasil por M. Correia de Brito	32
Agrupamentos do O. U. P.: Fados, Orq. de Tangos, Tuna, G. de Mornas e Coladeiras e G. Danças Regionais	35 a 40

Redactorial

Na alvorada de um acontecimento que foi o sonho de muitas gerações orfeónicas, não podia ORFEÃO deixar passar tão jubiloso momento sem assinalado registo.

Por isso nos esforçamos por realizar este número especial, no qual estivessem presentes, pela palavra escrita, as prestigiosas figuras mais de perto ligadas ao O. U. P. Em todos encontramos o mais desvelado interesse e a mais pronta e valiosa colaboração. Reconhecidos, aqui lhes deixamos expresso o nosso profundo agradecimento.

Vai o O. U. P. em demanda de terras de Santa Cruz, incumbido da honrosa missão de representar a Universidade Portuguesa nas celebrações do IV centenário do Rio de Janeiro. No momento da abalada, recebemos emocionados os abraços, que nos vão chegando, para serem entregues, em fraternal amplexo, aos nossos irmãos brasileiros.

Mensageiros da saudade Lusíada, tudo faremos para estreitar os laços que ligam os dois Povos Irmãos.

O Orfeão Universitário do Porto

NO IV CENTENÁRIO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Considero uma grande honra para o Orfeão Universitário do Porto o ter sido escolhido para, integrado na representação portuguesa, tomar parte nas comemorações do IV centenário da fundação da cidade do Rio de Janeiro. Honra-o o facto da escolha, aliás justificada — pois além de o nível artístico que há tantos anos vem mantendo, e a prontidão com que sempre colaborou em tudo quanto interessa à Universidade e à Nação, serem argumentos a seu favor, o Orfeão manifestou o seu desejo de estar presente nas comemorações desde o momento em que foram anunciadas —, que fãcitamente lhe confere o encargo, e atribue a responsabilidade, de representar nas festas do Rio todos os estudantes portugueses. Mas honra-o também o ter sido escolhido para ir ao Brasil, país de cujas grandezas e triunfos todo Portugal se orgulha, como um pai se orgulha dum filho, de estatura atlética e pujante de vida que, embora distante, está sempre perto do seu coração.

Tenho para mim que esta representação dos estudantes devia, realmente, caber a um organismo do Porto. Foi o Norte de Portugal que povoou o Brasil — depois de ter povoado o próprio Portugal —; e dizem-me que as antigas cidades brasileiras têm ainda, bem marcado, o carácter das nossas cidades nortenhas. Quase não haverá, nesta parte do país, quem não tenha um parente ou amigo a viver no Brasil, ou pelo menos que lá vivesse largo tempo, e por ele não saiba, sobre a gente brasileira, esses pormenores humanos que fazem a diferença entre a ciência fria e um conhecimento, indirecto sim, mas cheio de simpatia e calor. Quanto o Norte de Portugal se sente próximo do Brasil pude avaliá-lo quando, há anos, o Presidente Dr. Café Filho percorreu o nosso Minho. A população alinhava-se ao longo das estradas, em toda a sua extensão, a aclamá-lo; e o Presidente, comovido, com risco para a sua saúde abalada, manteve-se todo o tempo de pé no automóvel, a agradecer.

Meu interesse pelo Brasil é partilhado pelos estudantes da nossa Universidade. De há 15 anos para cá, primeiro como director da Faculdade de Engenharia e depois como reitor, nunca deixaram de me passar pela mão pedidos dos grupos de estudantes mais diversos, que desejavam deslocar-se ao Brasil. A maior parte desses desejos não chegaram a realizar-se — só me recordo de ter ido de facto ao Brasil, no ano passado, o Teatro Universitário do Porto. Mas isso não lhes tira valor como prova do interesse, pelo Brasil, dos estudantes do Porto.

Gostosamente acompanharei, na sua viagem, os rapazes do nosso Orfeão Universitário; tomado, eu também, do desejo de conhecer a hospitalidade brasileira, e admirar, directamente, a paisagem grandiosa da baía de Guanabara, digna porta de entrada num país com as dimensões dum continente.

Acompanha-os também, em espírito, toda a mocidade universitária portuguesa, fiel a um ideal que



por

Professor Engenheiro MANUEL CORREIA DE FARROS

Magnífico Reitor da Universidade do Porto

é o mesmo do Brasil, e se traduz, lá como cá, pela ausência de preconceitos raciais — objecto de admiração de todo o Mundo —, e pela unidade nacional inquebrantável, apesar das distâncias, das diferenças de clima, e da variedade dos costumes e condições locais.

Permita Deus que saibamos fazer sentir, ao Brasil, o que para nós representa esta participação no IV centenário do Rio de Janeiro.

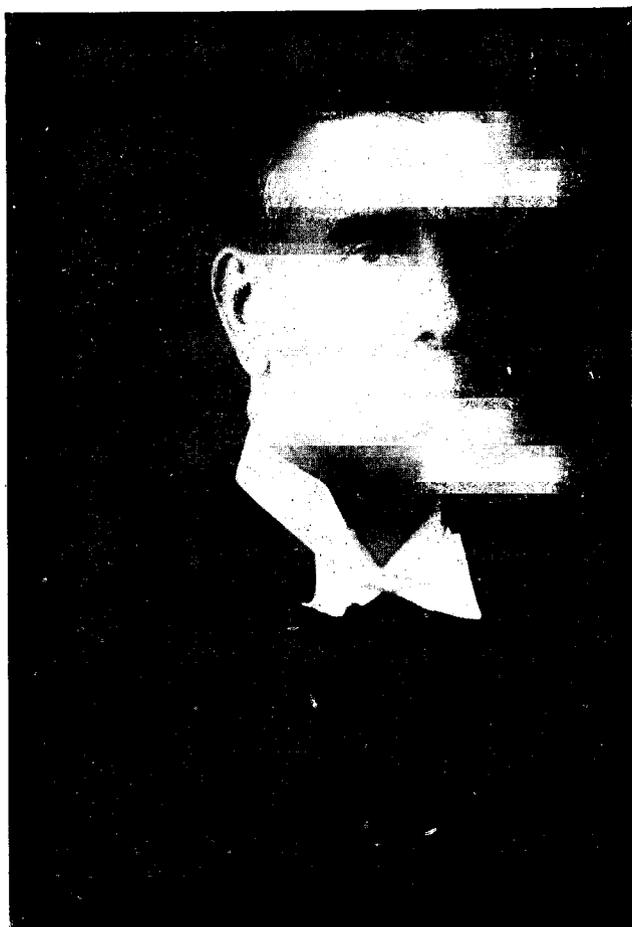
Porto, 20 de Agosto de 1965

U m a s p a l a v r a s

Em vésperas de abalada para terras de Santa Cruz e com o natural alvoroço de quem vê chegada a realização de velho sonho, pedem-me os rapazes do glorioso Orfeão Universitário do Porto umas palavras para a sua Revista, num rasgo de fidalga gentileza, como a quererem, de certo modo, associar-me à missão

da antiga Direcção do Instituto de Alta Cultura, para se oferecer à inquieta curiosidade da esperançosa geração universitária de hoje a grande e luminosa lição dos que se consagraram, com fervor e devoção, ao labor que havia de conduzir ao colosso que é o Brasil. Sempre se julgou que o convívio e estreitamento dos laços intelectuais entre a mocidade universitária dos dois países irmãos contribuiria para uma consciência mais perfeita do papel que lhe incumbe no alicerce e no futuro da grandiosa empresa da comunidade luso-brasileira, seu sentido e amplo significado como afirmação de solidariedade espiritual.

Há tempo, procurou-se, acertadamente, apertar os



de que vão incumbidos, integrada na representação portuguesa nas celebrações de quatro séculos de história da cidade do Rio de Janeiro e com a qual, por certo, se sentem identificados os que se empenham em inculcar nos escolares o conceito de unidade tão necessário à criação dum espírito corporativo, de que depende a maior e mais decisiva capacidade da Universidade para lograr a formação dos que lhe são confiados, e isto com aquela parcela de idealismo que tão bem fica em tudo quanto diz respeito à gente moça.

Por isso, antes de mais, a expressão de sincero regozijo por ver atendida uma aspiração dos orfeonistas portuenses que, desde a primeira hora, merecera particular interesse das autoridades académicas e a simpatia

vínculos que unem os dois países por um instrumento político e diplomático de largo e profundo alcance — o «tratado de amizade e consulta», em que solenemente se expressa e se consagra a comunidade de sentimentos

pelo Professor Doutor
Amândio Tavares

Reitor-Honorário da Universidade do Porto

e de aspirações do Brasil e de Portugal, na missão da salvaguarda dum património que os séculos nos legaram e os nossos antepassados ajudaram a construir.

Vai sendo tempo — e, de novo, parece agora fir-

(Continua na página 27)

Fundada em 1911, a Universidade do Porto — embora sucessora da velha Escola Politécnica criada em 1837 e esta, por sua vez, filha da Academia de Marinha e Comércio, de 1803, que brotara da Aula de Náutica de 1762 — a Universidade do Porto não tem pergaminhos multisseculares. Por isso a História que

Os laços hipocráticos

— À memória daqueles que embarcaram na armada de Álvares Cabral para o achamento do Brasil e morreram no mar em naufrágio de suas naus, entre as quais a que comandava Simão de Pina, da mesma cepa beiroa de onde provenho.

pode escorçar-se, no que toca a suas relações com o Brasil, é deveras estreita e pouco vultuosa.

Certo é que do Brasil houve nas escolas superiores portuenses alguns mestres e escolares seus naturais; e do Porto não faltaram em academias brasileiras alguns tripeiros legítimos.

Não nos propusemos arquivar agora tais factos. Mas vamos confinar a pequena história e alguns eventos que interessarão ao Brasil. No tomo do curriculum universitário portuense tem especialíssimo lugar a sua Escola, depois Faculdade de Medicina.

Sabido é que as Escolas de Cirurgia brasileiras — avós das Faculdades médicas contemporâneas — fundou-as em 1808 o Rei D. João VI, cuja formosa estátua de Mestre Barata Feyo se levanta hoje em lugar histórico do Rio de Janeiro. Viram-nas nascer as cidades de Baía, primeiro, em seguida a dessa maravilhosa urbe que foi capital do Brasil e festeja este ano o seu 4.º Centenário.

Só 17 anos depois daquele nascimento é que Portugal houve a prenda de Escolas congêneres em Lisboa e no Porto, por mercê do mesmo soberano. Era o ano de 1825. Saíra do magistério coimbrão o chefe dos negócios cirúrgicos portugueses no Brasil, José Correia Picanço, que assazmente foi consagrado em Congresso de História de Medicina no Rio, em 1958, esse em que tive a honra de participar, por deferente convite do Prof. Ivolino de Vasconcelos e por comissão do Instituto de Alta Cultura.

Cá temos, no Museu de História da Medicina do Porto, que fundei há 31 anos, a medalha de Picanço, então cunhada. E, por falar de Picanço, aqui vai uma nota geneológica curiosa: à família desse velho Mestre — fundador do Ensino Médico no Brasil — per-

tencia um grande Professor da Faculdade de Medicina do Porto, Doutor Elísio Milheiro, que tanto honrou a cátedra de Química Fisiológica e veio a falecer há pouco menos de um ano.

Pois também em Portugal outro ilustre Médico, Teodoro Ferreira de Aguiar, Cirurgião-Mor do Reino, diplomado por Leida, na Holanda—onde já cursara brilhantemente o grande Ribeiro Sanches, por meados do século XVIII; foi Teodoro Ferreira de Aguiar quem sugeriu a D. João VI, em momento de curiosa resolução económica-fiscal, a fundação das ditas *Régias Escolas de Cirurgia* de Lisboa e do Porto, hoje existentes com o nome de Faculdades, desde 1911, título este mais antigo nas brasileiras.

Esta uma das notas históricas que singularmente aproximara as velhas Faculdades da Baía, do Rio, do Porto e de Lisboa.

Durante as lutas de D. Pedro e D. Miguel, de 1827 até ao estabelecimento da monarquia representativa, a Escola do Porto sentiu anos muito amargos e vicissitudes enormes. Uns, alunos ou mestres, são presos; outros, emigram; os estudantes estremam-se entre dois partidos. Muitos destes, rebeldes, tiveram por comandante o seu próprio Professor Bernardo Joaquim Pinto, ilustre cirurgião.

Estas lutas políticas, em que o Imperador do Brasil D. Pedro e seu irmão D. Miguel pretendiam o trono de Portugal, compeliram a que a Escola fechasse as

do Porto e do Brasil

por Professor Doutor Luis de Pina

Catedrático de História da Medicina na Faculdade de Medicina do Porto

portas em 1832. No ano anterior só havia um aluno no 5.º ano e 12 no primeiro. Todavia D. Pedro I, do Brasil e IV de Portugal, segundo carta enviada à Escola por Garrett, recomenda, logo após a vitória sobre os absolutistas, que os cursos continuem, por serem tão úteis, «que nem pelo estrépido das armas do governo de S. M. quer que sejam interrompidas».

Maximiano de Lemos conta como outro Professor, Vicente José de Carvalho, criador da Anatomia no Porto e que mereceu de D. Pedro IV o grau de cavaleiro da Torre e Espada, pelos serviços que lhe prestou; Maximiano Lemos conta como o insigne anatómico relembra, em discurso académico de 1849, os bons serviços que mestres e alunos dispensaram aos soldados do Imperador, no terrível cerco da Cidade da Virgem

Um dos mais notáveis Mestres do Porto foi o Dr. Francisco de Assis Vaz, que ascendeu ao cargo de Director da Escola e se doutorou em Paris, embora começasse por sangrador, cuja carta lhe foi passada em

1815, nada menos que pelo Cirurgião do Reino Correia Picanço, fundador do ensino médico no Brasil, como lembrámos.

Na Baía esteve alguns anos o grande cirurgião Bernardo Joaquim Pinto, a quem já aludimos, cidade onde acompanhou seu tio Frei Bernardo da Ajuda, que iria presidir ao Hospício da Palma. Até 1822 ali praticou e exercitou a sua profissão de cirurgião pelo Hospital de S. José, de Lisboa. Após as lutas pela liberdade, regressava do exército em 1832 com o posto de capitão da 5.^a Companhia de Voluntários da Rainha, ocupando também uma das Cadeiras de deputado da Nação e o magistério na nossa Escola.

Laços expressivos unem a Psiquiatria lusa à brasileira, desde velhos tempos. Recordo-me do que escrevi

tistas brasileiros as melhores admiração e atenção, que manifesta gratamente nas suas obras. Entre elas o *Manual das doenças mentais*, de 1884, como confessa no seu livro *A Loucura*, cinco anos depois, livro que dedica *Aos alienistas brasileiros*: «O favor excessivo com que em Portugal e no Brasil foi acolhido o *Manual das Doenças Mentais*, publicado em 1884, veio demonstrar que não estavam iludidos aqueles dos meus colegas que me afirmavam sentir-se nos dois países uma viva e urgente necessidade de trabalhos destinados à vulgarização da Psiquiatria».

E recordo que não há muitos anos (e já que falámos em Psiquiatria) — fez lições em S. Paulo, por carinhoso convite do emérito Mestre Pacheco e Silva, o nosso actual Professor extraordinário Doutor Fernan-



UNIVERSIDADE DO PORTO

à cerca da influência que teria na construção do grande Hospital do Porto para dementes — na velha Cruz das Regateiras, fundado pelo prestimosíssimo Conde de Ferreira — o solene edifício chamado da Reitoria, na Praia Vermelha, do Rio de Janeiro, que fora excelente manicómio desde os começos do século XIX. Foi, por certo, este grande nosocómio de além-atlântico que sugeriu a traça do portuense de alienados, obra do citado benemérito Conde de Ferreira, que tantos anos viveu no Brasil, onde ganhou a maior parte dos seus imensos cabedais.

E recordo quanto o grande alienista Prof. Júlio de Matos, antes e depois da sua entrada no claustro pedagógico da minha Faculdade, obteve junto dos cien-

des da Fonseca. Sem esquecer quanto são apreciados e apontados, no curso de Psiquiatria na Escola do Porto, os textos brasileiros de um J. Garcia, Milton Campos ou de uma Iracy Doyle, de par com os do insigne e recentemente falecido Mira y Lopez, espanhol, é certo, mas há muito integrado na vida brasileira, onde ocupou importantes cargos de chefia e orientação psiquiátrica e psicológica.

Lembro que o discutido Mestre tomou parte no Colóquio Internacional de Estudos Luso-brasileiros, de 1959, da Baía, onde a Faculdade de Medicina do Porto esteve representada, embora modestamente, pelo signatário deste breve bosquejo histórico.

Dos mais modernos portuenses, também José Fi-

gueira Lopes, poeta da vanguarda, meu condiscípulo, emigraria para o Brasil, onde viveu, clinicou e morreu, e onde publicou tantos versos, ganhando certo dia um valioso prêmio literário, bem conhecido. Em 1925 escreveu, de parceria comigo, a peça académica *Onde lhe dói?* que a academia médica levou à cena no Teatro de S. João, ao tempo das festas do 1.º Centenário da nossa Escola, peça adornada com linda música de Álvaro Rodrigues, terceirista como eu, loje douto Mestre de Cirurgia na Faculdade portuense e insigne cancelólogo que o Brasil bem conhece.

Pois nesta revista académica de 1925 Figueira Lopes e eu, seus modestos autores, não deixámos de prestar homenagem ao Brasil, nas pessoas de Carlos Chagas e Osvaldo Cruz, ao Instituto Manguinhos, à já gloriosa Medicina da grande nação luso-americana. O entusiasmo dos jovens escolápios que éramos até nos fizera ai clamar que a Ciência e valor do imortal Mestre e higienista Chagas até fazia tremer o *Pão de Açúcar!*

Dos filhos da Escola do Porto um que muito se aliou à Ciência e aos sábios brasileiros foi Mendes Correia, depois Professor ilustre na Faculdade de Ciências do Porto, Director do Instituto de Antropologia e, em Lisboa, para onde se transferiu, da Escola Superior Colonial, além de muitas outras ocupações culturais que o revestiram de fama internacional. Pois Mendes Correia, que no Brasil realizou notáveis conferências, lavrou bem a sua admiração e o seu fervor de alma luso-brasileira em trabalhos vários, como o que dedicou aos índios *sambaquis*, e, de modo particular, o volume de impressões da nação que visitara, com o chamadoiro de *Cariocas e Paulistas* (1935). Na verdade, esta obra é um inesquecível hino ao Brasil e à amizade luso-brasileira.

Desta Escola de Medicina portuense foram alunos ou diplomados alguns daqueles que no Campo literário gozam no Brasil de especiais atenções: Camilo Castelo Branco (que abandonou a Escola ao fim de um ano, após reprovações que confessou herôicamente); Júlio Dinis, que no foro oficial era Joaquim Guilherme Gomes Coelho, com estátua de João da Silva em frente da casa e hospital de Santo António, onde cursou as

aulas e regeu cátedra, esse inolvidável autor da *Morgadinho dos Canaviais*, dos *Fidalgos da Casa Mourisca*, das *Pupilas do Senhor Reitor*, da *Familia Inglesa* e de tantas outras belas amostras do seu invulgar talento; nessa mesma Escola portuense estudou, até quase aos fins do curso (foi terminá-lo a Lisboa), o insigne polígrafo e brasiliófilo Jaime Cortezão, cuja obra o consagra como dos mais notáveis entre os historiógrafos nacionais, dos fastos de cá da terra de Santa Cruz. Aqui estudaram ainda outros que deixaram ou deixam nas páginas de estudos luso-brasileiros — lembro a língua sagrada que tanto falamos, também de cá e de lá do Atlântico — na Filosofia e na Literatura, um Leite de Vasconcelos, um Barradas ou um José Louro; António Patrício, que os escaparates brasileiros tanto escolhem, foi médico pela Escola do Porto; como ele, outros que andam pelas livrarias brasileiras, Campos Monteiro, João Barreira e Queirós Velozo, a rematar o rol no grande contista transmontano Araújo Correia, meu ilustre condiscípulo de curso, que ultimámos em 1927!

E já que aludimos a novelas, como esquecer que as letras com que se escreve o nome dessa estimadíssima Nação figuram nos títulos de alguns romances de Camilo: *A brasileira de Prazins* ou *Os brilhantes do brasileiro?* Creio que deve ser grata a brasileiros esta coorte literária e histórica, a que pudemos juntar a figura do emérito pintor gravador que foi Abel Salazar, deles bem conhecido e admirado, Mestre capacíssimo de Histologia na Escola do Porto.

Não são raros aqueles que da mesma do Porto deixaram no Brasil algum do seu bom nome, Escola em que também estudaram um Brasília Teles (que não completou o curso) ou um Manuel Ferreira Ribeiro, tropicalista sagaz e talentoso dos fins do século XIX, pioneiro da doutrina do mestre brasileiro Gilberto Freire, como o fôra antes o doutor Silva Teles, este médico por Lisboa e ministro de Estado.

Aqui, nesta história do Luso-tropicalismo médico, cabe lugar a um mestre baiano contemporâneo, Caldas Cony, que revive em trabalhos valiosos essa contribuição de lusos e brasílicos na Medicina tropical ou

Orfeu . marca dos grandes êxitos

Orfeu . marca dos discos do Orfeão

Arnaldo Trindade & C.^a, L.^{da}

RUA SANTA CATARINA, 117

PORTO

exótica, coligação desejada hoje mais do que nunca, como se exaltou no grande Congresso da Doença de Chagas, em 1959, em que também participei e representei Portugal e onde, entre mais, Fraga de Azevedo, de Lisboa, deixou imperecíveis notas da intercultura científica nesse campo.

Desses contemporâneos portugueses a que nos referimos e que por Faculdades e Institutos brasileiros têm passado em missões de estudo várias, do Prof. Bragança Tender ao Prof. Sousa Pereira, honra-se a nossa Escola de ali se ter assim representado e ser tão bem acolhida e acarinhada.

E já que falamos desta grata intercultura, lembremos que agora mesmo o Porto, a sua Escola e a sua classe médica têm especial lugar na recentíssima e prometedora *Associação Médica luso-brasileira de língua portuguesa*, em cujas comissões estão Professores portugueses, como Sousa Pereira e o subscritor destas linhas. A ela se devotou, desde o embrião, o fôssco jornalista médico Mário Cardia, filho também desta cidade e Director de jornal onde a vida médica brasileira tem sempre particularíssimo lugar. Nessa sociedade ocupa o cargo de Secretário-Geral adjunto.

Anuncia-se a primeira reunião desta nova Sociedade (AMELPO) para principio de Setembro próximo, Sociedade que engloba secções portuguesas das províncias ultramarinas e insulares.

Evoco, neste momento, a largueza de vistas do criador do jornalismo médico e das sociedades médicas em Portugal — exactamente no Porto em 1840, Manuel Gomes de Lima, que ao estabelecer a *Academia Médico-Portopolitana* a repartiu em três classes e meios-círculos: o 3.º era o Brasilico, formado por Brasil, de par com outros, Madeira e Açores, as províncias de África, as Índias, etc.

Lembro, ainda, entre mais eventos brasileiros portugueses, o que um outro grande Mestre da minha Faculdade, o Doutor Ricardo Jorge, deixou na sua obra e nas suas tarefas. Bastará ler o valioso livrinho *Brasil! Brasil!* (1930), que é repositório de falas com que exprimiu o seu amor àquela terra americana, como a conferência que fez na Academia Brasileira de Letras sobre o brasileiro em Portugal.

À memória de sua Esposa dedica ele o livro, recheado de louvores ao velho Estado luso, em palavras tanto mais belas, quanto recorda nelas que no Brasil nascera a grande companheira da sua vida: «À saudosa memória da carioca que aos catorze anos o destino trouxe a Portugal para que, de mãos presas e corações num só, discorrêssemos a vida...».

E do Brasil — do próprio Rio, também carioca, pois — foi outro grande escolar da Escola do Porto que se chamou José Cândido Pinho da Cruz e Costa, abreviado o nome em Cândido da Cruz, fundador da Escola contemporânea portuguesa de *Deontologia médica*, que outros próceres quinhentistas e seiscentistas haviam começado, Jerónimo de Miranda, Henrique Henriques, Rodrigo de Castro, como pude demonstrar e

explanar no grande anfiteatro do Ministério da Educação do Rio, em 1958, numa sessão magna do Congresso Pan-Americano de História da Medicina.

Cândido da Cruz, carioca de nascimento, é um dos maiores vultos da nossa Medicina, Mestre de Moral profissional, a quem se deve o estudo do primeiro *Código Deontológico português* (1912), que haveria de servir à estrutura do Estatuto da *Ordem dos Médicos*, promulgado em 1938 e do *Compromisso Deontológico*, de 1939.

Do Recife-Pernambuco (berço de Picanço) era outro ilustre Mestre da escola portuense, perito médico-forense, catedrático de Medicina-Legal, que deixou no seu serviço e nos anais da Justiça portuguesa inúmeras páginas de um puríssimo espírito de estudioso e de investigador. Manuel Lourenço Gomes.

Do Rio de Janeiro, Maximiano Lemos, como se sabe, um incansável e insuperável historiador da Medicina, em parte portuguesa, dando na sua obra fundamental, *História da Medicina em Portugal* (1899), 2.º volume, valiosas informações acerca da referida História no Brasil (personagens, acontecimentos, ensino, bibliografia, etc.).

Pelo Brasil em missão oficial e depois devocionalmente peregrinando e estudou outro Professor da Escola do Porto, o Dr. Agostinho António do Souto (de quem possuo o belo retrato que pintou o grande António Augusto de Saldanha em 1872 que Souto, natural de Guimarães, começará a viagem no Brasil, que o Governo lhe encomendou, por 6 meses, «durante os quais se obrigarão a estudar as condições higiénicas e patológicas e as suas características médicas e topográficas»).

No Brasil viajou no Chile, onde também se licenciou em Medicina e ao regresso àquela, atacou-o a febre amarela, o que o obrigara a voltar a Portugal e a estudar as clínicas de Clínica Cirúrgica e a Obstetria.

Por fim, nós mesmos, em variados estudos históricos, nos temos dedicado ao Brasil, estando em alguns deles expressa a indicação das demais produções nesse campo, como *As Ciências no Império Colonial português*, *Flora e Fauna brasileiras na Medicina portuguesa dos séculos XVII e XVIII*, *Reflexos brasilicos em Portugal*, etc., etc. Não menos devotada tem sido a nossa colaboração, embora modesta — no estudo da linguagem médica, em que os nomes de um Ramiz Galvão, Alvernaz, Pedro Pinto ou Genésio Pacheco estão devidamente lembrados e vincados; e vincado está nosso intenso desejo — creio que a satisfazer-se agora, de um Instituto *Luso-Brasileiro de História da Medicina*, em que Ivolino de Vasconcelos é decisivo promotor.

Não escasseiam antigos alunos da Faculdade portuense que no Brasil, em diversas circunstâncias e sectores universitários ou extra-universitários, têm contribuído com suas conferências e cursos, para o estreito

(Continua na pág. 24)

CORAL SEM FIM



Vai um punhadc bem representativo da mocidade da minha terra em demanda das terras de Santa Cruz; Vai o Orfeão Universitário do Porto, as aberturas das suas capas negras, pôr mais uma pincelada de cores, a que o tempo conferiu tonalidades preciosas, na agra-

rela garrida, esfusante e alacre da cálida Nação Irmã. Sois vós, sem que nem sequer disso suspeiteis, a melhor embaixada às Festas Centenárias da Cidade Maravilhosa; isto em minha opinião — que não conta mesmo nada — mas que tem a única virtude de partir de um dos muitos que pretende, sem o conseguir, manter viva a chama espiritual que o animava quando se embulhava na mesma capa e cantava no mesmo Orfeão, sob a regência do mesmo Maestro, algumas das mesmas músicas com que hoje avivais a minha saudade. Tendes nas mãos e na alma as únicas credenciais que tudo vencem: Juventude despida de protocolos, generosidade isenta de interesse, alegria sem mácula, fluência sem erudição, audácia sem atrevimentos e por cima de tudo isto, apesar de tudo isto e além de tudo isto, ainda aquele privilégio que a mocidade tem de poder entender-se, seja qual for a nação em que nasceu, o que é muito mais fácil ainda quando é uma só a língua que se fala e com ela dizer o que se pensa e o que se sente sem as limitações que a idade depois impõe e sem que ninguém possa mesmo melindrar-se.

É uma visita a uma casa de família... e lá, em família, disse à gente jovem dessa Nação jovem, o que ela por certo não esqueceu: que não tem que inventar uma História em «cinemascope», em que o talento se desentranha em prodígios de argumento e de técnica numa tentativa frustrada de epopeizar o genocídio das populações autóctones, mas sim que eles também são bisnetos dos Gamas, dos Cabrais, dos Albuquerque, do Infante D. Henrique e que na História de Portugal também eles lá estão, que também foram cantados nos Lusíadas e que ainda eles próprios sulcaram os sete mares com a Cruz de Cristo nas velas das naus e com a mensagem de Deus que levaram aos homens de todas as cores da pele. Apesar de que quase não valerá a pena... Eles sabem tudo isto e sentem-no tão bem que até dão conta que criaram uma Nação multirracial, em que as cores se vão esfumando na sequência das gera-

ções e descobrem energias interiores que herdaram duma reserva atávica que os anima no desbravar do sertão misterioso e abissal, no sentir intraduzível da palavra saudade, nas toadas dolentes do cancionero caboclo, vergonta gêmea do fado lusitano, nas magoadas endeixas da imensa constelação de poetas dos dois lados do Atlântico que mais une e separa as duas Pátrias-Irmãs.

Já que falamos em poetas e agitamos a saudade, vou dizer-vos um pequeno poema de um poeta brasileiro que passou de boca em boca, quando eu tinha seis anos, data em que Gago Coutinho e Sacadura

por *Dr. Francisco de Almeida*

Presidente da Associação dos Antigos Alunos da Universidade do Porto.

Cabral, numa passarola como a de Leonardo da Vinci, com um motor acoplado a quatro tempos, amararam um dia na deslumbrante Baía de Guanabara. O nome do poeta esfumou-se na minha memória, mas os versos, esses, ficaram sempre comigo:

Amigos Gago Coutinho
E Sacadura Cabral
Vós vindes de Portugal
Nas asas dum passarinho
Passar Morro Corcovado
O Mundo fica pasmado
Do arrojo português
Do vosso imenso heroísmo
Acabou-se o nativismo
Eu sou irmão de vocês.

É pois com irmãos que ides viver e conviver, é com irmãos de sangue, é com irmãos de armas, é com irmãos de aventura, produtos vós e eles duma civilização milenária cujas raízes se inserem num cantinho à beira-mar mas cujos ramos espalham a sua sombra pelos cinco continentes.

Ide e levai ao País do Futuro o abraço fraternal, em que há também ternura de pai, deste Portugal eterno, como a lenda de amor do Guarani e Iracema e que a Saudade, nossa e deles, fique lá e venha também convosco.

Cantai, cantai todos, brasileiros e portugueses, cantai todas as estrofes dos Lusíadas, aquela «preposição» que por generosidade vossa eu também cantei entre vós há poucos meses quando me pousastes nos

(Continua na página 12)

O matemático Francisco Gomes Teixeira

ALTO EXPOENTE DA CULTURA LUSÍADA

Neste momento em que o Orfeão Universitário do Porto, em representação da Universidade Portuguesa, estreita os laços de Amizade, de Arte e de Cultura entre Portugal e Brasil, afigura-se-nos oportuno evocar aqui a figura do insigne Matemático Francisco Gomes Teixeira, que foi professor na Universidade de Coimbra e Reitor da do Porto, Sábio de renome universal e um dos mais altos expoentes, de todos os tempos, da Cultura Lusíada.

Ademais, Francisco Gomes Teixeira manifestou sempre carinhoso interesse pelo País Irmão do outro lado do Atlântico. Nos seus escritos sobre a História das Matemáticas Portuguesas — ao tratar de Pedro Nunes (seu Par no génio) e dos cosmógrafos de Quinhentos — refere-se várias vezes às praias e às terras de Santa Cruz. Pela sua mão, o notável e malogrado matemático brasileiro Oto de Alencar figurou no Jornal das Ciências Matemáticas e Astronómicas do Porto, ao lado de outros cultores mundiais das Ciências Exactas. E ainda há pouco mais de uma dezena de anos, o Professor Luís Freire, da Universidade do Recife, num artigo da Gazeta de Matemática, de Lisboa, destinado a homenagear Francisco Gomes Teixeira, no passamento do seu centenário, evocava a dívida de gratidão que os brasileiros têm para com o egrégio Mestre Português.

Nas linhas que se seguem, ao falar das origens humildes de Francisco Gomes Teixeira, da sua vida gloriosa toda devotada ao trabalho e alcançando larga projecção universal e do seu retorno final à sua igreja serrana, de fundas raízes na terra, para um descanso eterno de imortalidade — como que se pretende prestar homenagem ao Génio Lusíada, repartido pelo mundo, de que o Brasil portentoso também é penhor de continuidade.

por *Dr. Paulo Pombo*

Antigo componente do Orfeão Universitário do Porto

Francisco Gomes Teixeira, Matemático insigne, «o primeiro da península ibérica e que noutras partes encontra poucos de maior envergadura» — no dizer autorizado de Duarte Leite —, nasceu numa casa modesta, sita na parte cimeira da povoação de São Cosmado, no limite meridional dos termos concelhios de Armamar, em terras da Beira Douro. E por obra e graça de tal nascimento — e ainda pelos seus liames à Vida e à Morte do egrégio Sábio português — aquele humilde povoado para sempre ficou marcado com pinta de ouro nas cartas e cartilhas da Cultura Lusíada, a merecer, portanto, mais reparo do que o de simples e apressada nótula biográfica do lugar de nascença de um homem ilustre.



GOMES TEIXEIRA

(1851 — 1933)

Antigo Reitor da Universidade do Porto

Neste cenário correm os anos primeiros de Francisco Gomes Teixeira.

Criado, assim, num meio montezinho de feijão agreste, no culto duma religião cristã de tocantes devoções, na simpleza lhana e patriarcal das teras beiroas, natural é que as impressões primevas da infância subsistam indeléveis ao longo de toda a sua vida.

A Montanha põe-lhe nos olhos, mal despertos ainda, o primeiro estremeção físico do mundo sensível, génese daquele amor das culturas que mais tarde revelará, em caminhadas e escaladas pelos Alpes europeus, relatadas nas páginas deslumbradas dum dos seus livros. E a modesta igreja da aldeia aparece-lhe como a vera Casa de Deus, templo que será sempre o dilecto do seu coração entre quantos mais tarde topar por esse mundo de Cristo...

Os costumes simples da gente simples, as festas e romarias soalheiras, dão-lhe os primeiros encantos da vida. As imagens ingénuas e toscas têm como que o geito de amigos familiares. Filho do povo, com o povo sobe, em procissões devotas, às ermidas das serranias, com o povo espera, na noite de Natal, as badaladas da meia-noite, enquanto no terreiro se baila à roda de grandes fogueiras ou se cantam versos pastoris. E os prégadores sacros, nos panegíricos de algumas figuras do Cristianismo e da Humanidade, dão-lhe desejos vagos de assim relatar um dia vidas de Santos e de Génios, por entre as primeiras admirações da arte da Oratória...

Terminados que foram os estudos primários na escolha local do professor Mourão — que também lhe deixariam recordações inapagáveis — Francisco Gomes Teixeira segue para a cidade de Lamego a tirar ali o curso dos Liceus, instalando-se na casa do seu parente Francisco Maria de Carvalho, médico e professor de geometria nas horas vagas...

O pai do jovem escolar, aquele bom Manuel Gomes Teixeira, português de fina cepa, que lá ficara no moirajo da aldeia saudosa, aspira a que este filho, posto nos estudos siga a carreira eclesiástica e se forme em Teologia! O primo doutor, esse fala ao estudante lamecense, pela vez primeira, em seguir Matemática... Mas no intelecto, lato de virtualidades, do adolescente Francisco Gomes Teixeira, não se apresentam tendências marcadas por linhas de declividade nítidas. Se alguma preferência se manifesta, esta vai decerto para o estudo das humanidades, com predominância da literatura latina e dos clássicos portugueses, e ainda dos estudos históricos...

Findo o curso liceal, é chegado o momento definitivo da escolha do curso a frequentar na Universidade de Coimbra... E perante a indecisão do moço escolar, o pai e o parente de Francisco Gomes Teixeira — aquele porfiando nas Teologias, este virado para as Matemáticas — deliberam mui simplesmente tirar o caso à sorte.

A vida dum homem de génio é então resolvida por um supremo golpe do Acaso... Vence o primo médico! Francisco Gomes Teixeira irá para Coimbra frequentar a Faculdade de Matemática!



Busto de Gomes Teixeira, vendo-se ao fundo a igreja da aldeia onde repousa

Das terras da Beira-Douro, onde nascera, passara a infância e a adolescência, parte agora, de encontro ao seu destino de Sábio de projecção mundial, um dos mais altos e puros valores da Lusitana Grei...

Francisco Gomes Teixeira jamais, porém, deixará apagar as influências do rincão natal, da cidade onde fez a aprendizagem dos liceus... Dos estudos de Lamego, conserva, com o cultivo das humanidades, o pendor pelas atitudes estéticas e serenas da Antiguidade, o que lhe confere, ao longo da sua obra científica, o condão de sempre se exprimir em termos de Beleza helénica, enquanto que o gosto das leituras históricas irá florescer, meio século mais tarde, nos livros da derradeira fase literária... Da sua aldeia serrana de São Cosmado, subsiste o compromisso

latente de nunca perder a fé cristã da infância, de juntar, mais tarde, aos panegíricos históricos que fizer dos Sábios, as apologias luminosas dos Santos. E Francisco Gomes Teixeira, que parecera talhado para a vida religiosa, dedica a sua longa existência ao cultivo da mais racional das ciências, porque a Razão é o mais nobre atributo do homem, mas sem olvidar jamais que «a Razão, no homem, é a maior das graças de Deus». As terras da meninice, de paz vergiliana e horizontes alargados e esbatidos em distância, sempre lhe foram repouso sereno do Estudo, do Ensino, das andanças por caminhos da Europa, como lar saudoso de constante retôrno do Escolar de Coimbra, de Mestre universitário, do Sábio investigador, do Matemático mundial, do biógrafo de Génios e de Santos... E quando Francisco Gomes Teixeira cerrou os olhos para o sono eterno — numa tarde triste de Fevereiro de 1933 — deixava o pedido de que o seu corpo fosse jazzer na igreja modesta da sua aldeia, em derradeiro Regresso...

Francisco Gomes Teixeira frequenta a Universidade de Coimbra de 1869 a 1874, com as melhores classificações algumas das quais nunca ali atingidas, publicando já entretanto dois valiosos trabalhos originais. E em Junho de 1875 presta Acto de Conclusões Magnas, com proposições que ficaram justamente célebres e cuja originalidade foi nobremente focada pelos professores arguentes.

Na dissertação de doutoramento, depois de generalizar a teoria de Ampère sobre os integrais das equações de derivadas parciais, apresenta transformações que contêm como caso particular as de Imschenetski e Laplace e que permitem transformar em equações de Monge-Ampère uma larga classe de equações de difícil tratamento. O novo doutor, de 24 anos de idade, é então aprovado com a classificação de «muito bom, por unanimidade, com 20 valores», jamais conferida na velha Universidade, que assim marcou, a traço de ouro, a passagem de Francisco Gomes Teixeira, pelos seus bancos escolares. E a cerimónia de doutoramento, no esplendor costumado dos rituais coimbrões, seria recordada, 50 anos mais tarde, pelo Sábio Matemático de projecção mundial com palavras de comovida saudade: «Na festa de Coimbra fizeram o meu elogio dois jovens professores que lançaram flores sobre a minha vida de estudante... Ouvi-os com alegria e com fé»...

A tese de doutoramento de Francisco Gomes Teixeira logo alça o seu autor a plano superior. Traduzidas e publicadas as suas principais demonstrações em revistas de Bordéus, Paris e Bruxelas, ficaram consignadas em tratados e memórias da especialidade por Goursat, Clairin e Forsyth, o qual teve de lhe ceder a prioridade na generalização do método de Ampère.

O Sábio Matemático entra logo em 1876 para o corpo docente da Universidade de Coimbra e nesse mesmo ano é eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

Francisco Gomes Teixeira desponta assim no acanhado horizonte peninsular, num meio como que alheado do vasto movimento renovador da Matemática e em pleno período de revisão e crítica dos conceitos fundamentais das ciências da Quantidade e da Extensão. Os seus esforços generosos, em grande e luminoso exemplo, vão tentar debelar os males primeiros deste isolamento, a par da aplicação porfiada das suas geniais qualidades criadoras, na inventiva matemática. Talvez por isso a sua obra original não tenha sido a que poderia ser, ficando irremediavelmente truncada em altura.

Assim, em 1877, aos 26 anos de idade — um ano após a sua entrada para o professorado de Coimbra — Francisco Gomes Teixeira funda, por iniciativa particular, o «Jornal de Ciências Matemáticas e Astronómicas», destinado a garantir o convívio matemático de Portugal com os outros países. E em 1883, já depois da sua transferência para a Academia Politécnica do Porto, entra a publicar o seu «Curso de Análise Infinitesimal», obra que introduzia pela primeira vez, nas escolas superiores portuguesas, a precisão de princípios, o rigor lógico e a amplitude de resultados que caracterizam a Matemática moderna.

Eis, na verdade, dois factos basilares da Cultura Lusitana...

«O **Jornal de Ciências Matemáticas e Astronómicas**», depois continuado, em 1905, pelos «**Anais Científicos da Academia Politécnica**», abre, ao longo de 30 anos, uma tribuna de larga audiência aos nossos matemáticos, ao lado de muitos estrangeiros ilustres, desde Hermite e Bellavitis até Gutzmer e Cesaro e por isso já alguém considerou aquela publicação **como um dos mais notáveis impulsos da Matemática portuguesa depois de Pedro Nunes e do período náutico**.

O «**Curso de Análise Infinitesimal**», cuja primeira parte foi premiada pela Academia das Ciências, tem primores de obra didáctica que levantaram francos louvores no mundo culto, na Itália, na França, na Bélgica, na Alemanha, sendo dos mais significativos os expressos por um professor de Yale, nos Estados Unidos, ao afirmar que «**se o português fôsse uma língua mais conhecida no seu país, essa obra admirável seria provavelmente adoptada nas escolas americanas, por não haver, em inglês, a esse tempo, nenhum Cálculo que com o de Gomes Teixeira se comparasse**».

O que dá, contudo, a Francisco Gomes Teixeira o lugar de primeiro Matemático da Península e de grande Matemático mundial é a magnitude e natureza das suas investigações originais, premiadas por academias estrangeiras, tratados e memórias e ainda cerca de centena e meia de trabalhos originais publicados em inúmeras revistas e colectâneas da especialidade.

Muitas dessas obras saem em publicações de grande nome e de difícil acesso, tais como o famoso **Jornal de Liouville**, o **Jornal de Crelle**, órgão dos matemáticos alemães, a excelente «**Acta Matemática**», da Suécia, o «**Quartely Journal**», da Inglaterra, o «**Giornale Matematiche**», da Itália e ainda numerosas outras de Bordéus, Paris, Bruxelas, Berlim, Leipzig, Baltimore, Liège, Roma, Praga, Madrid, Milão, Genebra, Londres, Livorno, Viena, Varsóvia, Amsterdão, Moscovo!...

Aquele homem simples das terras beirãs adquire presença mundial e a ele se referem sábios estrangeiros de renome, como Cesaro, Bassani, Stolz, Klein, Castellnuovo, Loria... Pertence a inúmeras corporações científicas de relêvo, da França, da Itália, da Alemanha, da Bélgica, da Espanha, da Checoslováquia, da Rússia, do México, do Perú!... Consagrado como «glória nacional», representa Portugal em vários congressos e comissões internacionais, visita as principais universidades europeias, recebe homenagens de relevo do Mundo culto!... E o Governo Português manda reimprimir, pela Imprensa da Universidade de Coimbra, todos os trabalhos matemáticos de Francisco Gomes Teixeira, preito da Pátria reconhecida a um dos seus mais ilustres filhos!...

Desde aquele ano distante de 1871 em que Francisco Gomes Teixeira, ainda escolar em Coimbra, publicara o seu primeiro trabalho original, tivera o insigne Matemático quatro decénios de gestação contínua e fecunda, voltado por inteiro para o campo das ciências dos números e das grandezas e postergando todas as demais virtualidades da sua personalidade. Ao avizinhar-se, em dias pressagos, a chamala Grande Guerra, saíam a lume, em publicações várias os seus derradeiros estudos matemáticos, estes quase todos sobre curvas notáveis da Geometria. E em 1915, enquanto a conflagração estende tentáculos pelo mundo inteiro, o grande sábio, português, cada vez mais possuído da elegância serena dos helenos, cuida amorosamente da impressão do sétimo e último volume das suas monumentais «**Obras sobre Matemática**», englobando os trabalhos geométricos dos três anos anteriores, enriquecidos com um valioso apêndice, onde serão versados, de maneira definitiva, aqueles célebres e milenários problemas da geometria não resolúveis com a régua e o compasso. Francisco Gomes Teixeira tem, então, 65 anos de idade... E na linha ascensional da sua actividade criadora, surge, com a senectude, um ponto de descontinuidade, envolvendo agudo dramatismo.

Segundo a sua própria confissão, feita com a nobre simplicidade dos grandes espíritos, Francisco Gomes Teixeira acusa rebates de fadiga no campo da invenção matemática, ao tocar seu termo o segundo decénio de novecentos. A derivativa anterior dos seus poderosos recursos de analista pelos domínios da Geometria representara já uma fuga para horizontes menos abstractos, mais propícios à descoberta... Há que cessar a escalada de quase meio século às montanhas do Mundo dos Números!

Francisco Gomes Teixeira, nestes momentos dramáticos de renúncia, mede a altura daquela ascensão, ao longo de toda uma vida devotada à Ciência, escrevendo palavras de melancólica desilusão: «**Tenho cultivado com zelo e amor as Matemáticas: Mas não tenho subido às montanhas do Mundo dos números, nem mesmo às suas colinas: tenho vagueado pelas planuras, donde vejo maravilhado as águias do pensamento subir e desaparecer onde o meu espirito as não pode acompanhar!**» E este homem das ciências exactas, que mui raramente pensara por imagens, aproxima-se então das imagens daquele poeta Mário de Sá Carneiro, na busca da Beleza inatingida:

**Um pouco mais de Sol — e eu fôra brasa.
Um pouco mais de Azul — e eu fôra além!
Para atingir faltou-me um golpe de Asa...**

A Renúncia é igualmente dolorosa ao Sábio e ao Poeta, pois que os irmana a imaginação criadora: «**Na Matemática, como na Poesia, encantam-nos as harmonias das ideias criadas pela imaginação, sem a qual não há poeta, sem a qual não há géometra**». Ai, portanto, dos eleitos do génio a quem entram a falecer as faculdades da invenção!

Francisco Gomes Teixeira, ao roçar os 70 anos, encontra-se ante angustiante dilema: — Não pode prosseguir na investigação matemática, mas também não pode parar a sua vida intelectual criadora. Ele encarna verdadeiramente aquele homem de que fala num dos seus livros: «**A mesma voz intimou-o a continuar, e ele, peregrino da Ciência, continuou, caminhando sempre, sem nunca se deter...**»

Mas, caminhar para onde?...

Atirado para a carreira matemática, pela sorte dum jogo de azar, logo se lhe dedicara com absoluto exclusivismo e ao seu magistério... Arredara-se da Teologia — os estudos sonhados por seu pai, nos tempos ditosos da sua infância serrana... Divorciara-se, há meio século, da literatura... Abandonara as ciências da Natureza — talvez as suas preferidas na adolescência de Lamego... Jamais cultivara aquela arte da Oratória que tanto encantara os dias saudosos da meninice, quando ouvia enlevado os panegíricos dos Santos e dos Génios!...

**HÁ JÁ MUITOS
ANOS QUE TO-
MAMOS CAFÉ
NO
ÂNCORA
DE OURO**



Na verdade, caminhar para onde?...

Pois Francisco Gomes Teixeira caminhará para o passado, ao reencontro de todos aqueles caminhos perdidos há tantos decénios! O gosto pelos estudos históricos — dos tempos lamacenses, o único que jamais abandonara — servirá de fio condutor...

O sábio professor decide-se então, por conferências a realizar no país e fora dele sobre assuntos relacionados com a história das Matemáticas. Faltam-lhe, decerto, os dons oratórios que jamais logra recuperar. Mas sobrepõem aí as qualidades sublimadas na sua carreira científica: clareza e substância de exposição, justeza e amplidão na apreciação dos factos e dos personagens. Pronuncia os elogios históricos dos quatro portugueses que mais se distinguiram nas ciências exactas: Pedro Nunes, Monteiro da Rocha, Anastácio da Cunha e Daniel da Silva, abarcando a totalidade das matemáticas lusitanas. Traça as biografias dos quatro únicos cultores femininos das matemáticas mundiais, dissertando sobre o papel da mulher na Ciência. Fala da Astronomia na obra de São Tomás de Aquino. Exalta, na universidade e harmonia dos números, o poder e a beleza das matemáticas, para a compreensão do Universo...

Depois, Francisco Gomes Teixeira decide-se a escrever um livro pròpriamente literário, «Santuário da Montanha», onde descreve as suas andanças por trilhos europeus, os santuários religiosos das alturas — a Grande Cartuxa e o Hospício de São Bernardo — e os santuários científicos, observatórios dos picos eternamente nevados para estudo dos fenómenos naturais... Para remate dessa obra evoca, numa página de tocante ternura, a igreja humilde da sua aldeia situada nas ásperas serranias da Beira Alta, «igreja que, com a sua torre ameçada de granito, com os seus rudes painéis e com as suas tôscas imagens de santos, lhe deu as primeiras visões de arte na Arquitectura, na Pintura e na Escultura...» E as duas linhas derradeiras rezam desde modo, a fechar um ciclo de retôrno: «Foi o primeiro templo que vi: será o último santuário de montanha mencionado neste livro».

Mas há que caminhar sempre...

Arrimado ao bordão de fé cristã da sua infância Francisco Gomes Teixeira vai reencontrando, com renovada alegria, todos os caminhos outrora perdidos... Apenas lhe resta escrever panegíricos de Santos e de Génios, que são elos de ligação entre Deus e os homens. Que importa que a forma literária não seja perfeita? Basta que sejam perfeitas a sua sinceridade, a sua emoção tranquila, a satisfação suprema de quem cumpriu o seu destino. E o sábio Matemático publica, então, mais três livros: «Apoteose de São Francisco de Assis», «Santo António de Lisboa» e «Uma Santa e uma Sábida...»

Na tarde triste de 8 de Fevereiro de 1933, na cidade do Porto, finava-se docemente, como uma luz que finda, Francisco Gomes Teixeira, «o primeiro matemático da península e que noutras partes poucos encontra de maior envergadura»...

O seu ataúde faz ainda uma derradeira visita à Universidade, que ele tanto amara e de que era Reitor Honorário. Vai aos ombros de estudantes, envoltos em capas negras de luto. Ele o dissera um dia: «Festa universitária sem a presença de estudantes é como festa em casa de família cujos filhos estão ausentes».

Depois vai dali para a sua povoação natal, para ficar a morar perpétuamente na igreja da aldeia, conforme seu pedido, igreja triste no seu granito enegrecido, aquele último santuário de montanha de que falara na linha final do seu livro.

Também ali, agora, é a linha final dum livro glorioso, com discursos, lumes e flores. Francisco Gomes Teixeira entra no templo. Já não vai aos ombros de estudantes. Vai aos ombros de camponeses, porque são estes agora os filhos que vão velar o seu sono, no derradeiro santuário da montanha.

Paulo Pombo

CORAL SEM FIM

(continuação da pág. 8)

ombros uma negra capa que, não sei porquê, me fez aflorar aos olhos duas lágrimas que eu ocultei e que só agora vos revelo. Ide e cantai todos com os irmãos do Brasil de todas as idades e os portugueses de todas as cores — pois até de Goa, Damão e Diu, temporariamente cativos, por lá vivem e sofrem a sua sede de justiça — cantai num coral sem fim que ressoe pela Terra inteira :

«As armas e os barões assinalados».

Que as vozes dos antigos orfeonistas que lá se fixaram e que acorrerão ansiosos à vossa chamada, de capas nos ombros e lágrimas nos olhos, se juntem às vossas vozes, que o sal e o sol de todos os mares curtiram em gerações de marinheiros, se temperem com as tonalidades dolentes das vozes do Brasil a que a doçura exótica dos frutos tropicais, o mistério insondável do sertão, o colorido deslumbrante das flores e o brilho das pedras e metais preciosos imprimiu novos e indiscreíveis encantos. Coral sem fim...

«As armas e os barões assinalados».

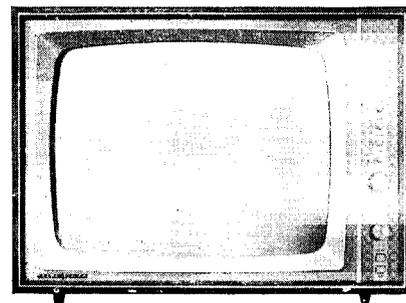
SUPER QUALIDADE EM RÁDIO
E TELEVISÃO



Quem OPTA por OPTA, OPTA melhor

LOEWE-OPTA

Uma grande marca Alemã



Estaleiros do Rio Douro

(Breves notas para a sua história)

Não restam quaisquer dúvidas de que nos fins do séc. IX, princípios do X, já se construía e armavam nos estaleiros do rio Douro, embarcações para o tráfego fluvial, e possivelmente, também para o comércio marítimo.

Assim no-lo mostra um documento do ano de 922, publicado no *Portugália Monumenta Histórica* — doc. XXV. Refere um testemunho que, naquele ano, pretendendo Ordonho II visitar D. Gomado, que resignara à mitra de Coimbra e se fez religioso no convento de Castromire (Crestuma), *mandou aparelhar naves* que o levassem até àquela localidade ribeirinha.

O laconismo do texto não nos deixa perceber que espécie de embarcações seriam essas designadas por *naves*, mas diz o bastante para nos dar a conhecer que, e isso é o que importa, já nessa muito distante época a navegação no rio Douro era facto corrente, e se assim sucedia, também a construção naval era já uma realidade, pois tudo nos faz acreditar que, senão a totalidade, pelo menos a grande maioria

rio, desde Alionirio (Areinho?) até à Foz, por todo o peixe e mercadorias descarregadas nesses lugares.

Sobre a antiguidade dos estaleiros do nosso Douro, o Prof Dr. António Cruz diz-nos que certas referências que se colhem em documentação inserta na coletânea da Espanha Sagrada nos autorizam «pelo menos à suposição de que sob o domínio visigodo ou, mais acentuadamente, nos tempos da

por **Adriano Coutinho Lanhoso**

(Capitão-de-Fragata R. A.)

reconquista cristã, na velha Portucale eram já construídos e armados navios para o tráfego mercantil como para certas acções guerreiras.



das embarcações que trabalhavam nesse tempo no nosso porto, e possivelmente, também nos mares vizinhos, eram construídas nos estaleiros locais e, por certo, por gente da nossa Terra.

E que essas embarcações que tornavam possível ao rei Ordonho navegar rio acima até, Crestuma, não eram novidade no Douro e antes, o nosso rio era já então navegado e o seu tráfego comercial apreciável, di-no-lo o facto do mesmo monarca, nessa mesma visita que fez ao bispo resignatário de Coimbra, conceder ao mosteiro de Castromire, entre outras dádivas, o *nabulo* ou *nabam* e o *portático*, impostos de certa valia e que se pagavam em todos os desembarcadouros do

O primeiro documento que faz menção à navegação que entrava pela barra do nosso rio é o testamento de D. Sancho I; nele se refere os panos vindos por mar e descarregados no Porto, cujos impostos o testador reservava para o filho que lhe sucedesse no trono, por certo de soma valiosa já então. e que o rei acreditava poder aumentar ainda em muito melhor rendimento.

Também na partilha do rendimento da Sé, entre o bispo e o cabido, feita em 1200, ainda no reinado de D. Sancho I, se assentou que o imposto pago pelas barcas de quatro remos ou mais, ficasse pertencendo ao bispo, o que nos deixa per-

ceber que elas eram um grande número e certamente dariam maiores e melhores réditos.

No tempo de D. Sancho II o movimento da barra do Douro era suficientemente avultado para o rei, na escritura de concórdia de 1238, ceder ao bispo e igreja portugalense parte dos impostos, percebidos sobre as mercadorias importadas. O texto do velho documento não nos diz o bastante para se poder avaliar a extensão do comércio marítimo da nossa cidade na época, mas mostra-nos à evidência que ele não seria de pouca importância, visto os impostos permitirem uma partilha.

A intensidade dum tráfego internacional é revelado pelo decreto de D. Afonso III, de 1253, endereçado aos habitantes do norte — *Toti populo a Minio usque Dorium*.

Por este diploma se vê que em toda a região de Entre Douro e Minho se vendiam fazendas provenientes da Inglaterra, Holanda, Flandres e França, as quais eram importadas por mar. Este comércio era feito na sua maior parte directamente pelos burgueses do Porto e por essa razão podemos supor, com muitas probabilidades de não errarmos, que os navios eram propriedade dos nossos mercadores e foram construídos nos nossos estaleiros.

A proibição que o mesmo decreto fazia de o transporte das mercadorias se fazer por terra, faz ainda acreditar numa navegação de certo porte e que ela se fazia com regularidade.

A violenta discórdia entre D. Afonso III e o bispo do Porto de então, a propósito do local onde deveriam ser descarregadas as fazendas vindas ao porto, é também facto demonstrativo da importância da navegação daquele tempo no nosso Douro.

Nesta época, a pesca era um trabalho culminante; fazia-se no rio e no mar. No Douro, pescava-se o sável, o solho-rei, a lampreia, todas as espécies ainda agora apanhadas e no mar acontecia o mesmo, acrescentando ainda a caça da baleia! Os pescadores não se limitavam a explorar somente as águas da costa portugalense; iam também às da Galiza e por lá demoravam muito tempo, pois desembarcavam e tomavam pousada em terra. A medida que colhiam o peixe, a pescada e a sardinha principalmente, salgavam-nas e remetiam-nas em caravelas. Daí, por certo, o ainda hoje se chamar à sardinha salgada, *sardinha da caravela*.

O foral dado por D. Afonso III à *Mea Villa de Gaya* dá-nos a conhecer os nomes das embarcações então usadas pelos nossos mareantes e pescadores: caravela, barca, barca-beeira, bucardo trinçado, nave, savaleiro, pinácia, etc.

Também o estatuto feito em 25 de Março de 1324, entre o Concelho e os homens-bons da nossa cidade, para regular o fretamento e carregamento das naus que saíam pela barra do Douro, nos testemunha a existência de uma frota importante nas águas do nosso rio, comerciando com o norte da Europa e sul do reino.

D. Dinis contribuiu de todos os modos que pôde para o progresso da marinha. Do interesse que lhe mereceu a construção naval, são testemunhos: recrutamento que fez em Génova dos mais hábeis e sabedores mestres construtores e carpinteiros navais, que muitos e bons ensinamentos trouxeram à gente dos nossos estaleiros, ensinando-lhes uma melhor técnica na construção de maneira a aumentar a tonelagem dos navios e a sua segurança no mar e o estabelecimento de novos estaleiros em lugares da nossa costa onde eles não existiam; e até mesmo indirectamente o escrupuloso e justo administrador contribuiu para o progresso da arte de construir embarcações, mandando semear a vasta zona de junto à costa que vai do Mondego ao Tejo, que depois forneceu às gerações vindouras umas excelentes matérias-primas para a construção dos seus navios que, por mares nunca dantes navegados, vão arrancar ao desconhecido novas terras e firmar em muitas delas a posse portuguesa.

Que Afonso IV não descurou a construção naval, comprovam-no dois capítulos de data incerta (1340? 1352?) pelos

quais o rei teria mandado cortar madeira das matas de Alcobça para construir galés.

Diz ainda a história que, com a frota já poderosa que este monarca herdou de seu pai, muito desenvolveu o comércio marítimo, estabeleceu a defesa regular das águas territoriais contra a pirataria mourisca, iniciou as expedições.

D. Pedro I determinou aos guardas das matas reais para que deixassem cortar toda a madeira que se destinasse à construção e conservação dos navios, testemunho irrefutável de que também ele cuidava do desenvolvimento da indústria da construção naval.

Foi este prudente e sensato monarca que nas cortes de Elvas de 1361, afirmou que *na cidade do Porto havia mais navios que em todo o resto do seu Senhorio*.

Se no reinado de D. Fernando há alguma página que possa reabilitar a memória do seu infeliz governo, essa página é aquela que trata do empenho com que o fraco e inconsistente monarca cuidou de aumentar o poder da sua marinha, promulgando leis de reconhecida utilidade.

D. Fernando, para incrementar a navegação empregada no tráfico marítimo da nação, concedeu grandes favores aos que quisessem construir ou comprar navios. Determinou que todos os construtores de navios de mais de 100 toneis pudessem tirar das matas reais — dos famosos pinhais semeados por D. Dinis — a madeira para a construção, sem nada pagar por ela. Dispensou de direitos e impostos os aprestos que para esses navios viessem do estrangeiro. Aquele que noutros países comprasse navio feito era também dispensado de pagar ao fisco qualquer coisa por esta transacção.

Na primeira viagem que fizessem, eram isentos do pagamento de todas as imposições pelas mercadorias carregadas, pertencessem elas ou não ao proprietário do navio.

E no regresso da primeira viagem, era-lhes perdoada metade da dízima que pagavam os panos e quaisquer outras mercadorias vindas da Flandres ou de outra província.

agência abreu

FUNDADA EM 1840



TURISMO • VIAGENS • TRANSITOS



Porto - Coimbra - Lisboa

Se os navios assim beneficiados se perdessem na primeira viagem, estes privilégios permaneciam para os que os substituísssem.

D. Fernando fez também sentir a sua acção legisladora nos seguros. Formou uma bolsa marítima em Lisboa, outra no Porto, e obrigou todos os armadores das suas cidades a pertencerem à respectiva bolsa. Se um navio sofria um sinistro, formava-se para pagar os prejuízos um capital obtido por subscrição entre todos os armadores inscritos. Cada um concorria com uma parte proporcional ao número de navios, e assim o prejuízo dividido por muitos era relativamente pequeno e não arruinaria aquele que directamente o tinha sofrido.

Destas medidas resultou a facilidade com que o Mestre de Aviz formou armadas e pôde lançar-se na aventura de Ceuta e o Infante Navegador encontrar preparado o meio que lhe havia de servir para orientar em novos rumos a actividade nacional.

Logo no alvorecer da segunda dinastia, o Porto deu prova da actividade dos seus estaleiros quando o Mestre de Aviz lhe pediu auxílio num momento desesperado. A esquadra que vai sobre o Tejo e força o bloqueio castelhano, consegue abastecer a capital e salvá-los da fome e da rendição, é composta de navios reconstruídos, construídos e aparelhados nos estaleiros do rio Douro.

Facto histórico do maior relevo da nossa Marinha, enobrece a gente do Porto! Foi essa esquadra que consentiu ao Mestre de Aviz ir a Aljubarrota, foi essa esquadra que tornou possível a Independência da Pátria!

Nos estaleiros do nosso rio foi construída a grande maioria dos navios que foram à conquista de Ceuta. Essa poderosa frota, comandada pelo inclito Infante, era composta de tantos navios que, di-lo o cronista: *«como não havia outro algum lugar em Espanha donde outra igual pudesse sair»*. Portugal não deve ao Porto apenas o *baptismo do seu nome*, escreveu Ricardo Jorge, deve-lhe também a *primeira glória dos mares além*.

Outras esquadras de renome na História Pátria se organizaram nas águas do nosso Douro; aquela que, sob o comando do conde de Arraiolos, saiu a nossa barra em 1435, para a empresa de Tânger; a que em 1458 foi à conquista de Alcácer-Ceguer e aquela que, em 1471, zarpou dos ancoradouros do nosso rio para conquistar Arzila.

Por certo por serem ao tempo os mais importantes estaleiros do reino, Camões fez aparelhar na nossa cidade o navio romântico que transportou a Inglaterra os nossos cavaleiros que partiram em desagravo das «damas gentis» daquela corte:

*Lá na leal cidade, donde teve
origem (como é fama) o nome eterno
de Portugal, armar madeiro leve
manda o que tem o leme do governo*
.....

Nos nossos estaleiros se construíram muitos navios das Descobertas e Conquistas.

A barca com que Afonso Baldaia passou «cincoenta léguas além do Cabo Bojador e descobriu a Angra dos Ruivos», em 1435, o maior navio que até então tinha sido empregado nas expansões marítimas, foi construída nos nossos estaleiros.

E porque não cabe nas proporções deste resumo referir outros navios que se sabe terem sido construídos, nos nossos estaleiros, nem ser possível citar os muitos documentos conhecidos que testemunham a existência de séculos dos estaleiros do nosso rio Douro, e, ainda, muito especialmente, porque o número do «Orfeão» não é só para a *história marinheira da cidade do Porto*, eu vou terminar, contando a «vida» do navio

que se sabe ter sido construído na nossa cidade e que, segundo a minha maneira de ver, é aquele que mais *Honra e Glória dá* aos nossos estaleiros: — o galeão «SANTA TERESA».

Este navio foi construído na chamada Ribeira do Ouro, no ano de 1633. Tinha cerca de mil toneladas de arqueação, era armado com sessenta grossas peças de bronze e acomodava 200 homens de mar e quatrocentos de guerra.

Com outros navios nossos, fez parte da esquadra espanhola que, em 1639, foi desbaratada pela frota holandesa comandada pelo almirante Tromps, na célebre batalha *das Dunas*.

Sozinho, ele repeliu todos os navios inimigos que o atacaram, disparando, somente pelas baterias de EB, 1520 tiros! A única nau que a frota holandesa perdeu, foi afundada pelo «Santa Teresa».

Uma bela tela existente no Museu Nacional de Amsterdam, datada de 1659 e enviada por Wilden von Velde, representa uma das fases dessa heróica batalha, figurando o nosso galeão «Santa Teresa» em grande destaque no primeiro plano.

Este navio era construído só com madeiras do nosso Minho; e da magnífica qualidade dessas madeiras, conta D. Francisco Manuel de Melo na sua «Epanafora Bellica» que um general espanhol, referindo-se ao nosso «Santa Teresa», dizia a Filipe IV *serem dignas se ser guardadas como o próprio serro de Petossi, os montes de Portugal que tais madeiras criavam»*.

Casa do Lanhoso — Minho

Agosto de 1965.



Como nasce

Estava mesmo frio! Aquele fim de Outubro de 1964 não pressagiava nada de ameno, pelo que concerne a temperaturas. Acabara de abandonar o ambiente morno do «velho Piolho» quando, ao sair, esbarrei com um rapaz novo, obviamente ansioso de agasalho no «café» donde eu saía, embora a sua velha capa de estudante estivesse bem justa e traçada, mal deixando de fora a ponta do nariz do proprietário.

Desculpámo-nos. Porém, como não me fosse familiar aquela metade de rosto, insisti na desculpa: — «Compreende... Sempre que saio do «Piolho», mesmo sem querer sou obrigado a olhar para a Universidade. E quando vejo aquelas duas

direcção dos Clérigos e, claro, de S. Bento), já vi mais de duas dúzias de «tipos» de capa a perguntarem-se «se já se foram inscrever no Orfeão». E até garotas!...»

Não teve tempo de dizer mais: convidei-o para tomar um café — ou qualquer outra coisa e, entrando nele, instalámo-nos numa das raras mesas vagas, onde fomos prontos e atentamente atendidos por um dos sempre simpáticos

um orfeonista

e amigos empregados. O moço destraiu a capa, enquanto eu desabotoava a gabardina, decerto ainda um tanto ou quanto surpreso com a recepção que talvez não esperasse, pois qualquer de nós devia ter uma grande ideia de nunca



Sua Excelência o Senhor Presidente da República Almirante Américo Tomás, coloca no estandarte do OUP a Comenda da Ordem de Benemerência, na Abertura Solene das Aulas do ano de 1960-61.

primeiras janelas à direita da portinha lateral, lembro-me do tempo em que entrei para o Orfeão e — confesso! — não tenho olhos para mais nada. Desculpe!...»

O rapaz nem chegara a entrar e, certamente surpreendido, seguiu com os olhos o movimento do meu indicador direito, apontando, num gesto possivelmente feio mas indubitavelmente prático. E foi a minha vez de ficar admirado porquanto, antes que eu tivesse oportunidade de abrir novamente a boca, ou mesmo de dar um passo, soou aos meus ouvidos uma voz que, num timbre de baixo profundo ou, pelo menos, de barítono constipado, inquiriu: — «Mas, afinal, o que vem a ser «isso» do Orfeão? Caramba! Desde que desembarquei ali em baixo (apontava mais ou menos na

Por

Flávio Serzedello

ter visto o outro. No entanto, em frente da chávena fumegante, olhámo-nos de frente e, como conhecidos de longa data, começámos a cavaquear.

O «VETERANO» E O «CALOIRO»

Reconheci — com o infalível «olho calínico» dos futuros boticários que, mau grado toda a «boa vontade», o «estudo aturado», e os restantes encómios de que são credores quantos ainda não se formaram, nem reformaram, antes se «conformaram» a

fazer, por ano, uma ou duas daquelas cadeiras que um carpinteiro é capaz de criar — que tinha na minha casa, por duas razões: corou até à raiz dos cabelos quando o empregado do «Piolho» me tratou de «Sr. Dr.» — que eu faço muito boas tenções de ser, ainda que tenha de andar a queimar as pestanas, os miolos e as ilusões durante mais uns aninhos (dez no máximo, porque também o que é de mais é erro); e porque o «aroma» de um caloiro é característico para a pituitária de qualquer veterano que se preza.

UM ANO ORFEÓNICO EM TODA A SUA PUJANÇA

Após contar-lhe a vida toda do Orfeão Universitário do Porto desde pequenino, recomencei: — «Todos os anos lectivos, aquando da abertura solene das aulas, cuja sessão tem lugar no salão-nobre da Universidade, perante o reitor, vice-reitor e autoridades universitárias, civis, militares e eclesíásticas, é o Corpo Coral do Orfeão Universitário do Porto que tem o honrosíssimo encargo de dar início à sessão, cantando o Hino Nacional e, quase sempre, mais duas ou três peças do seu repertório. Assim, por exemplo, a abertura solene do presente ano teve a presidência da figura do sr. contra-almirante Américo de Sá, Presidente da República, de cujas mãos os alunos premiados por seus trabalhos, durante o ano transacto, receberam os respectivos galardões. Também o supremo magistrado da Justiça presidiu, no dia 17 de Outubro de 1960, à abertura solene das aulas do ano lectivo de 1960/61, tendo nessa altura apontado a Bandeira do Orfeão Universitário do Porto, as insígnias da Comenda da Ordem de Benemerência, com que o Orfeão foi agraciado pouco tempo antes agraciado, como justo prémio da sua valiosa acção beneficente».

O caloiro, cada vez mais pequenino a cada uma das grandiosidades das imagens que se coavam — com bastante dignidade, diga-se a gota a gota, no seu cérebro infra-simiesco, com um lampejo de esperteza e perguntou-me: — «E depois?..»

Narrei então, em pormenor, o que têm sido as Recepções aos Caloiros do Orfeão, desde os tempos em que eram mimoseados com ovos podres (1949) até aos actuais — como, por exemplo, o de 1963/64, no salão-nobre da Faculdade de Letras em que tiveram a honra de escutar as boas-vindas da boca — e também do coração — do Orfeonista N.º 1, e do autor destas linhas não diz quem é para não lhe deservirem a modéstia... Contei-lhe como decorreram as recepções aos estudantes ultramarinos, principalmente este ano e o ano passado, no salão-nobre da Faculdade de Engenharia, bem como as que foram dedicadas aos novos universitários, uma no Porto e outra em Lisboa, onde o Orfeão se fez representar por alguns dos seus agrupamentos de Variedades, já que deslocar os diversos elementos que o O. U. P. contava teria sido, verdadeiramente prodigioso.

Mas o caloiro não dava mostras de cansaço (Pudera! Quem falava era eu, enquanto ele só tinha que afinar as orelhas!...) e, continuando a demonstrar um discernimento absolutamente excepcional num ser que está os tais furos abaixo do outro que está vários acima «daquele» que ia mencionando, humanamente olvidando que isto é para Doutores, como disse, o caloiro — repito — exclamou num verdadeiro arroubo de entusiasmo transbordante: — «E depois?»

Falei dos saraus que, na quadra natalícia, o Orfeão costuma oferecer como, por exemplo em 1963, actuando para os doentes do Hospital Escolar de S. João e, em Catassol, para os pensionistas da Casa de Repouso de «O Lar do Comércio»;

Subitamente — estas coisas acontecem sempre assim... — dei-me conta de que eu e o caloiro constituíamos como que o núcleo de um elemento de elevado número atómico, tal a chusma de electrões — satélites que se formara à nossa volta e escutava, embevecida, as palavras que o meu coração ia ditando ao cérebro que, por sua vez, as transmitia aos lábios donde fluíam, qual pura linfa, para os cérebros dos ouvintes. O pior é que, em certos casos, essa coisa da «água mole em pedra dura, tanto dá até que fura», às vezes leva milhares de anos... e eu tinha pressa. Assim, quando o caloiro se preparava para me disparar mais uma das suas perguntas intelectuais como burro (— «E depois?...»), mal vi pela posição dos seus lábios que ela ia sair, interrompi o fluxo dos seus instintos de curiosidade e berrei: — «E depois você vai marchar à minha frente e inscrever-se no Orfeão, para exame de voz, a ver se consegue passar pelo «crivo»! Percebeu?!». Ora como é um facto que um caloiro não pode, por mais esforços que faça, entender algo antes de passar pelo «Baptismo Orfeónico» — uma tradição que remonta ao século VII e cuja fundição se perde na noite dos tempos — agarrei-lhe no braço e levei-o comigo (Aqui, é preciso fazer um parêntesis que, aliás, já está feito no princípio: eu já vi «fundição» e era mesmo isso que eu queria dizer, pois os orfeonistas desse tempo eram homens de aço; ou seja: andavam sempre «como o aço». Perceberam? Não? Então perguntem aos Doutores, que eu não posso estar com mais explicações.).

NASCE UM ORFEONISTA!

Quando cheguei com o «meu» caloiro ao Orfeão, ia sendo ao fim do Mundo! A coisa explica-se: a chusma a que me referi vinha atirada de nós e, como o Orfeão fica mesmo em frente ao «banco» do Hospital de Santo António, o respectivo pessoal julgou tratar-se de um desastre (Se foi ou não, isso é com o nosso mestre e com a direcção, que eu não tenho nada que falar dos outros apesar de que alguns dos «desastres» até mereciam uma feitura nos jornais...).

Depois o caloiro inscreveu-se e, dias mais tarde, lá estava ele todo enfiado, de peito feito para ir cantar as notinhas do órgão e

AGÊNCIA EDITORA

AUG. VALENTE, SUCR.ª

REPRESENTANTE DAS CASAS EDITORAS DE PARIS:

LIVRARIA MALOINE, LIVRARIA LAROUSSE E
ARISTIDES QUILLET

R. DA FÁBRICA, 38-3.º-S.º 17
TELEF. 20785 . P . O

DUAS CASAS

que tudo o que fabricam e vedem é bom

PRIMAR CONFEITARIA
SALÃO DE CHÁ

RUA DO CARMO

FILIAL: — Rua Mártires da Liberdade, 139-145
Tel. P. P. C. 25858 - 28458 - PORTO

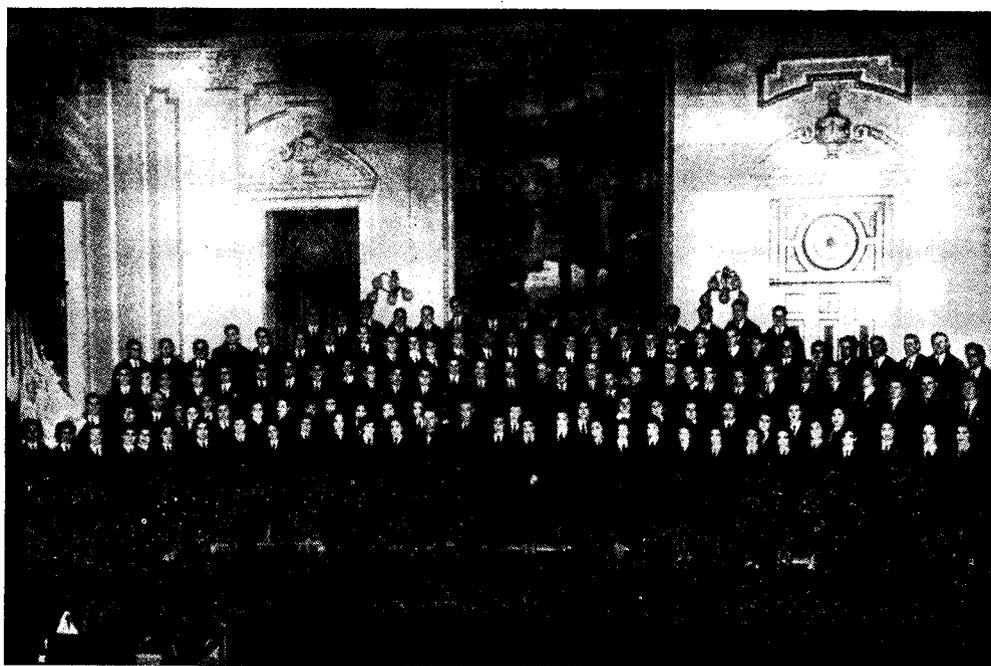
ler a pauta. Pois o rapaz passou — eu creio ter dito, no início, que ele tinha uma voz de baixo ou, pelo menos, de barítono-conspitado. E, caso estranho, foi mesmo para baixo!

O caloiro, mal se apanhou com a ficha assinada, jóia e a primeira quota pagas, cartão idem, estatutos aspas e todas as outras complicações habituais resolvidas, ou em vias disso, julgou-se logo orfeonista. Puro engano! Então... e os ensaios, carregar os estrados, descarregar os ditos, pagar a segunda prestação da jóia, liquidar as quotas, ouvir os conselhos dos «velhos» e obedecer-lhes, ter que ir às assembleias gerais ouvir fulanos que desconhecem falarem sobre assuntos que não conhece, estar quieto e calado nos ensaios (— «Ó pá! Queres estar calado?»), abrir a boca nas «tais» assembleias gerais, gaguejar meia-dúzia de asneiras e, de repente — estas coisas, como já disse, acontecem sempre assim... — ouvir: — «Ó 'pá! Tá calado, que tu ainda és muito novo cá dentro para perceberes alguma coisa desta orgânica!» E se fosse só isso! É que às vezes a tal «orgânica» é elaborada ou «interpretada» por alguns «minerais»... e então é que o caloiro fica pior que um calhau! Mas adiante...

Este ano, actuou-se primeiro na Póvoa de Varzim (em prol de um organismo cultural e desportivo da ridente Póvoa do Mar); depois em Matosinhos, a favor da obra do Padre Grilo, sacerdote que já livrou da rua — a pior das escolas da Vida — muitos rapazes, hoje homens de bem, mas que sem ele teriam sido — quantos deles! — desgraçados, escória da sociedade, homens que bem cedo teriam travado conhecimento com o cárcere.

Antes, porém, já o Orfeão colaborara nas realizações de mais um «Convívium», que a Associação dos Estudantes da Faculdade de Farmácia e a Juventude Universitária Católica costumam levar a efeito há mais de dez anos consecutivos, sempre com a cooperação do O. U. P. E, ainda antes, no Natal de 1964, o Orfeão deslocou-se a Paços de Ferreira, a fim de actuar para os reclusos do estabelecimento prisional ali existente.

Estas iniciativas são, de facto, as melhores, pois o orfeonista, caloiro ou velho, sabe que está a contribuir com a sua quota parte de Arte, de trabalho, de comunhão espiritual, de camaradagem com cada um dos elementos que constituem a grande Família que é o Orfeão Universitário do Porto, para



INICIAÇÃO DE UM CALOIRO

«Pato-mudo» a princípio, nos ensaios do Coral, o caloiro vai aprendendo a olhar para a batuta do nosso maestro para não se enganar no ritmo, nem nas entradas, mas às vezes engana-se mesmo. O melhor é, ainda, meter-se no meio dos mais velhos e escutar primeiro, para poder cantar bem depois.

Durante o presente ano-orfeónico o caloiro portou-se à altura daquilo que o maestro e os «velhos» esperavam dele e, afinal, de qualquer orfeonista: contribuía, sem «solos» quando não for solista, para a harmonia geral. E safou-se.

Sempre, desde há muitos anos, as direcções têm a louvável iniciativa de, antes do Sarau-Anual, cuja responsabilidade não é necessário enaltecer, organizarem espectáculos preparatórios, quase sempre de beneficência e que, além deste já bem útil objectivo, têm ainda o mérito de prepararem o caloiro para o choque inevitável ao deparar com o público, pela vez primeira. Mesmo orfeonistas com vários anos de actuações sucessivas sentem, principalmente quando em palcos estrangeiros, pesar-lhes sobre os ombros as responsabilidades inerentes às suas indiscutíveis prerrogativas. É o reverso da medalha!

uma causa útil ao seu semelhante menos favorecido pela sorte, mais desamparado na infância, menos acompanhado na adolescência e — quantas vezes! — mais desgraçado na idade adulta.

Nessa altura do ano, já o «meu» caloiro sabia que dera muito mais de si próprio, talvez, do que esperara receber.

O SARAU ANUAL

E chega, finalmente, a data mais importante de todas: a do Sarau-Anual. Ali, no palco do Teatro Rivoli estiveram, este ano como em tantos outros, os antigos orfeonistas com a sua saudade, os actuais com a sua responsabilidade; as famílias de uns e de outros; e, como sempre, o público fiel do Porto, que todos os anos vai aplaudir o O. U. P., solidarizando-se com os estudantes da sua Universidade.

Sempre, desde o tempo ainda não muito remoto em que se organizava o «cortejo» com «as artistas» que, entradas em Campanhã, saíam em S. Bento para riba de uma camioneta que «as» levava — «algumas» tinham barba e bigode... — Clérigos e Carmelitas acima, até à Universidade, até hoje, em que tal não se faz talvez porque nem tudo lembre; sempre, dizia, o portuense não faltava ao Sarau-Anual do Orfeão

da sua Universidade. E divertia-se; e comovia-se. Mas gostava e voltava, todos os anos.

O «meu» caloiro lá estava, no palco do Rivoli, pletórico de energia e perfeitamente cónscio das suas responsabilidades. Cantou, dançou folclore; interpretou rúbulas, intermédios, tudo! E agradou em cheio! No fim, vieram-me à ideia outros saraus: 1952, com as primeiras comemorações — 40 anos de Orfeon Académico, 15 de Orfeão Universitário. Nesse mesmo ano o marechal Craveiro Lopes, ao tempo Presidente da República, agraciou o Orfeão com a Comenda da Ordem de Instrução Pública

Era o corolário lógico da Medalha de Ouro de Mérito



Artístico da Cidade do Porto, outorgada em 1950, como homenagem à intensa actividade do O. U. P. em prol da sua Cidade e da sua Universidade. Nesse memorável sarau das comemorações de 1952, onde pela primeira vez se reuniram, no mesmo palco, a jovem bandeira do Orfeão Universitário — a ele oferecida, em 1949, pela Esposa do prof. dr. Amândio Tavares, ao tempo reitor magnífico da Universidade do Porto — a velhinha bandeira do Orfeon Académico de 1912, que um grupo de «rapazes de outrora» orgulhosamente ostentava.

E recordei as comemorações de 1957 (45 anos de Orfeon Académico, 20 de Orfeão Universitário), com uma estupenda exposição fotográfica e documental, no salão-nobre da antiga Faculdade de Medicina, onde hoje funciona a Faculdade de Letras; e o primeiro número do então jornal «Orfeão» — hoje em dia revista — comemorativo das datas festivas.

Depois, 1962 — Bodas-de-Prata do Orfeão Universitário, Bodas-de-Ouro do Orfeon Académico. O que foi o sarau, cujo Acto de Variedades teve executantes com os cabelos repletos de neve, tocando na Tuna recém-constituída ombro a ombro com os rapazinhos. O que foi o jantar de confraternização na Nave do Palácio de Cristal, reunindo mais de quinhentos convivas, é indescritível! Nesse mesmo ano, em Março, a Reitoria necessitou da «Sala do Orfeão», instalada na Faculdade de Ciências desde 1937. Conferências de Imprensa. Discursos de saudosistas. A «Proposição de «Os Lusíadas» cantada, pela derradeira vez, naquela sala querida cujas paredes, ressumando a condensação das nossas respirações, como que chorava por nós as mesma lágrimas que derramávamos por ela.

Um ano depois, uma lápida de mármore perpetuava o nome e a recordação do O. U. P. naquela sala. O «meu» caloiro não sabia disto; mas eu tenho a certeza de que ele,

ao sabê-lo, há-de sentir o desejo de olhar as paredes da sede actual, como se quisesse guardá-las na memória antes que lhas tirem.

O ORFEÃO E A «QUEIMA DAS FITAS»

Como já vai sendo tradicional, também, o O. U. P. deu o seu contributo para o brilhantismo da «Queima das Fitas», colaborando com o seu Grupo de Fados na «Serenata Monumental» e também na «Noite Académica»; com os seus grupos de Bailados Regionais, Tuna e Orquestras, na «Noite de Folclore e Variedades»; e, finalmente no «Sarau de Arte».

E então não querem lá ver o que me apareceu?! Pois foi nada mais, nada menos, que o «meu» caloiro, basto nervoso, roendo as unhas até ao sabugo, com um ar enfiado de quem vira lobisomem...

É claro que eu tinha que tirar as coisas a limpo, já que o metera nas andanças do Orfeão: — «Olha lá, ó Fulaninho! Que bicho te mordeu?» O rapaz, embora já não com a rudimentar espreteza de meses atrás, sempre me confidenciou: — «É que eu ouvi dizer que «acabando-se a Queima, acaba-se a capa». Assim, já não sou baptizado!»

Hum!... Era então o «Baptismo Orfeónico» que aterrorizava o rapaz! Bem: de certo modo, ele não deixava de ter razão, já veremos porquê.

O «BAPTISMO-ORFEÓNICO»

UMA TRADIÇÃO QUE NÃO MORRE

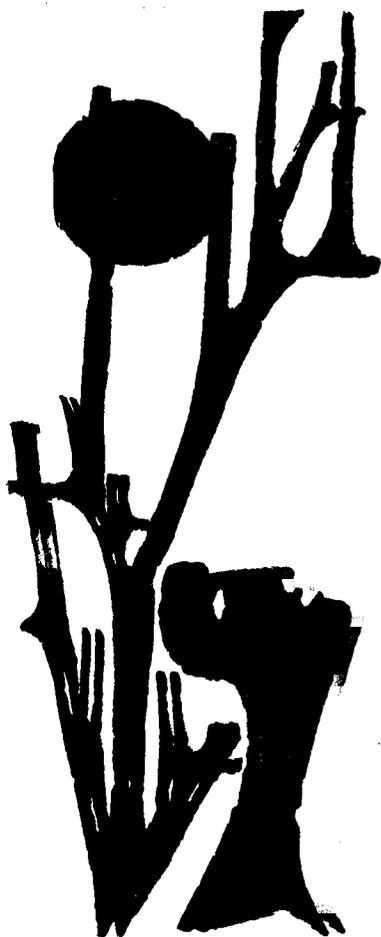
Quando, em 1945, o Orfeão Universitário do Porto cantou em Lisboa, no Coliseu dos Recreios, em dois saraus, eu assisti a um deles. Gostei, francamente. À saída, entrando numa das várias «ginginhas» da «falecida» Rua Eugénio dos Santos, agora dita «das Portas de Santo Antão», como não podia deixar de ser encontrei vários apreciadores que tinham cantado umas horas antes. Foi numa dessas lojecas que, a vez primeira, ouvi alguém referir-se a baptismos no Orfeão Universitário do Porto e, como parecia não estar a prestar atenção, «eles» falavam com certo à-vontade. Mal sabia eu que o Isolino de que falavam, dizendo que «havia de levar só um pouco de pimenta, porque era «um bacano» (Olhem se não fosse!), viria a ser, poucos anos depois, um dos maiores amigos.

Pois o «meu» caloiro estava atrapalhado, principalmente por causa da presidência da Mesa dos Baptismos, pois estavam



a baptizar na sala grande e estava muita gente na Mesa. Muita gente na Mesa?!... Ora bem: desde que eu próprio fui baptizado, nunca vi na Mesa mais de cinco «velhos»; e mesmo esses eram escolhidos de entre os mais velhos e mais casticos, porque podia haver «velhos-mansos» e esses não

(Continua na pág. 24)



Ao Brasil, ao meu Irmão
que é mais novinho do que eu,
mas por quem a Devoção
cresceu em meu coração
tanto como Ele cresceu;...

*Ao Brasil, meu namorado
em constante namorar,
que está longe e debruçado
nunca foge de meu lado
sobre a varanda do mar;...*

Ao Brasil que é afinal
orgulho da nossa Grei
e «Pedra» que Álvaro's Cabral
deu de Prenda a Portugal
para a Coroa do Rei;...»

L
O
A
S

A
O

B
R
A
S
I
L

*Ao Brasil aonde adora
minh'alma em ajoelhar,
pedindo aos tempos d'outr'ora
Glória p'ra ser agora
o que foi em O criar;...*

Aqui vão versos rezados
em seu louvor e beleza,
e p'ra que sintas poisados
os meus olhos namorados
na sua lauta grandeza.

*O ser grande quer dizer,
maravilha e tudo o mais:
— Grandeza no seu viver
que tem, desde o nascer,
por Santo Amor de seus Pais...*

por

Grandeza que já foi nossa
— meu Brasil, tão grande que és!...
mas que sendo hoje só vossa
nos enche a alma e remoça
Portugal de lês-a-lês...

*Por teu Amor somos novos
(a idade não trouxe enganar...)
— Nunca envelhecem os povos
que semeando, em renovos
não fazem cansar os anos...*

Há quatro séc'los e não,
não parece que passaram...
Foi só ontem... — Coração
não deixes nunca se vão
os anos que já rodaram.

*E em festas não te apartas
de nós, que tão bem te q'remos
— Nós em Festas, também faltas,
pedimos por ti repartas
a Alegria em que vivemos;*

*A que tu vives e trazes,
Brasil!, ao luso torrão,
faz que tudo o que tu fazes
em cor, em riscos, em frases
se comungue em Devoção.*

*Em devoção pela História
que partilhas, eu partilho...
E em orgulho pela Glória
que festejas em Memória
da História de Pai e Filho...*

*Meu Brasil: — aceita assim
meus versos — rima vulgar —
onde eu pus, pobre de mim —
Amor que nunca tem fim
que é o mais que posso dar.*

*Saudade!... E pus-me a pensar
Dor de saudade!... que bem!
— Pai Portugal a acenar
ao Brasil a quem quer dar
o grande Amor que lhe tem.*

*Dizem que o mar é profundo.
Pudera; tinha que ser.
Portugal - Brasil, um mundo,
havia que encher o fundo
com saudades a valer.*

A
N
T
Ó
N
I
O

P
I
N
T
O

M
A
C
H
A
D
O

Homenagem ao Rio de Janeiro

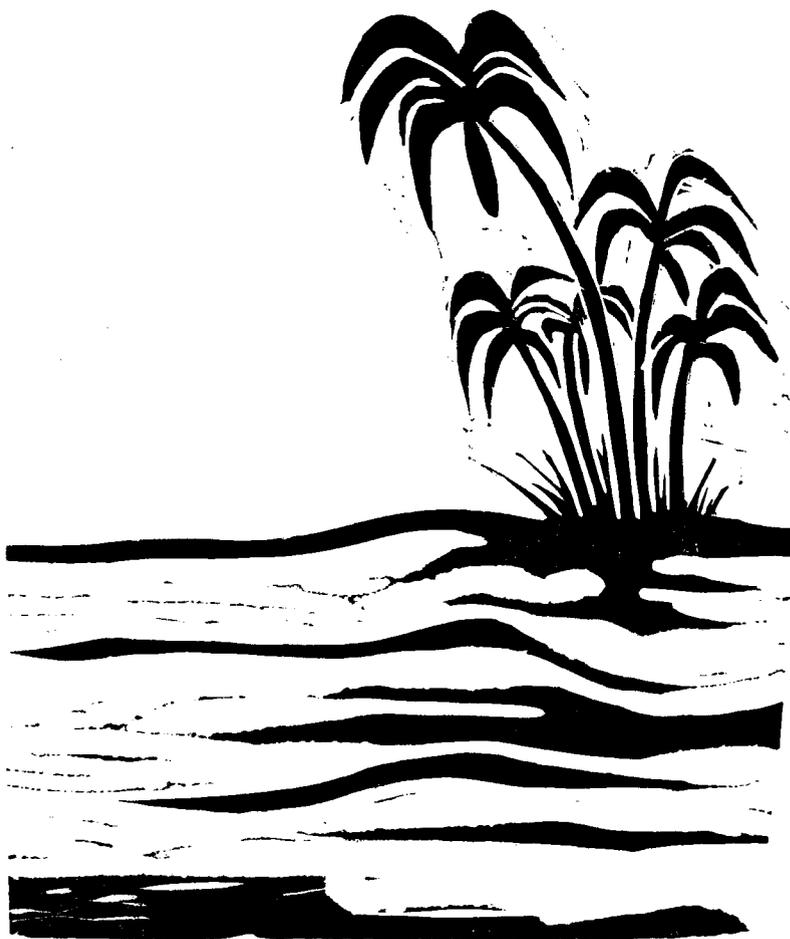
**Vejo ao longe a bela Guanabara,
Beijada pelo doce mar em festa.
Na floração sublime — jóia rara!
Dormita o sol sua pesada sesta.**

**A natureza toda se prepara
Para o festim sublime que se apresta.
Seu colorido agreste não compara;
Sua beleza, enfim, não se contesta!**

**É a soberba Rio de Janeiro.
Terra de sol, de luz, um mundo inteiro
Que se resume nesse relicário.**

**E numa prova de seu grande amor:
Braços abertos, o Cristo Redentor
A abençoar o seu QUARTO CENTENÁRIO!**

(Tristão dos Valles)



No ano de 1937 procurava comemorar-se na Universidade do Porto o 1.º centenário da Fundação da Academia Politécnica e Escola Médico-Cirúrgica. Era vasto o programa das Comemorações e, como número de relevo, figurava a apresentação de um Orfeão, constituído por rapazes e raparigas da nossa Universidade. Alguns académicos apresentaram-se ao Reitor de curso, Prof. Doutor José Pereira Salgado, solicitando a sua colaboração. Em 24 de Fevereiro desse ano, o Maestro Afonso Valentim, actual

Como nasceu e o que

Regente do OUP, recebe um cartão com as seguintes palavras:

«Com os seus cumprimentos, José Pereira Salgado, Reitor da Universidade do Porto, pede a V. Ex.ª a fineza de lhe vir falar à Universidade, o mais breve que puder».

Ressurgia o Orfeão da nossa Universidade, e dizemos

brantes ao conjunto coral que, em tão pouco tempo, se constituíra; a crítica não atraiçoou a sua missão, antevendo para o OUP uma carreira brilhante, quer no País, quer em terras do estrangeiro.

Estava reorganizado, sob a direcção artística do Maestro Afonso Valentim, que dedicadamente se mantém no seu posto ao longo de 28 anos, o Orfeão Universitário do Porto. Pela 1.ª vez, um coral universitário apresentava naipes femininos.

Interessante de notar ainda, que foi no nosso Orfeão que, pela primeira vez as raparigas universitárias envergaram o traje académico, hoje usado também em Lisboa e Coimbra.

Descorreram os anos, a obra iniciada não sentiu desfalecimentos. Assim, as capas negras dos nossos estudantes, percorreram o País, a todos emprestando a sua alegria moça e a todos comunicando a sua arte.

Não se limitou ao continente a sua actuação. Visitou em 1956 a Província de Angola, em 1959 Moçambique e em 1962 de novo Angola. Tem percorrido por várias vezes as vizinhas e amigas terras de Espanha, tendo actuado em Madrid, Barcelona, Sevilha, Santiago de Compostela, La Coruña, Orense, etc.

À ideia de criar e cultivar o gosto pela música, acrescentaram-se, com o andar dos anos, novas finalidades.



FERNANDO MOUTINHO
1.º Regente do Orfeão Académico
do Porto, 1912



PADRE DR. CLEMENTE RAMOS
Regente do Orfeão Académico do
Porto, 1922



FUTURO BARROSO
Regente do Orfeão Académico do
Porto, 1928

ressurgia pois que já havia existido um Orfeão na Universidade do Porto: o Orfeão Académico que, fundado a 6 de Março de 1912, teve actividade intermitente, não obstante tivesse apresentado períodos de raro fulgor, nomeadamente aqueles cuja direcção artística está ligada aos nomes de Fernando Moutinho, seu 1.º Regente Padre Clemente Ramos e Futuro Barroso.

Enfim, em Março de 1937, o Maestro Afonso Valentim aceitou o encargo de ensaiar um grupo dedicado de rapazes e raparigas da nossa Universidade, satisfazendo o desejo manifestado pelo Reitor Pereira Salgado.

E a 15 de Abril do mesmo ano, decorrido pouco mais de mês e meio, é realizada uma récita de gala no Teatro Rivoli, em que se faz ouvir, pela primeira vez, o Orfeão Universitário do Porto.

A tarefa foi árdua, dificuldades e sacrifícios foram ultrapassados pela dedicação do Regente e pelo entusiasmo firme dos jovens de então. O público não regateou aplausos vi-

Ao aspecto beneficente é dispensada particular atenção. Assim possui o OUP, o Fundo Académico Modesto Osório, destinado a auxiliar estudantes necessitados, mediante a concessão de bolsas de estudo, empréstimos, etc.

tem sido o O. U. P.

Não se limita porém à Academia a sua acção, pois as receitas de quase todos os seus saraus se destinam a obras de Assistência e Beneficência.

Não tem passado ignorada das Autoridades a meritória acção do OUP, e assim a 25 de Maio, de 1950, a Excelentíssima Câmara Municipal do Porto, concede-lhe a Medalha de Ouro de Mérito Artístico da Cidade do Porto e em 1952 é o OUP agraciado por

Sua Excelência o Presidente da República, Senhor Marechal Craveiro Lopes, com a Comenda da Ordem da Instrução Pública. Em 1960, o Chefe de Estado, Senhor Almirante Américo Tomás entrega pessoalmente ao Orfeão o Diploma de Comendador da Ordem de Benemerência.

Mas não são só as Entidades Oficiais a reconhecerem e considerarem o valor do OUP e, em 1956, aquando da sua 1.^a visita a Angola é nomeado Sócio Honorário da



MODESTO OSÓRIO

Casa do Distrito do Porto de Luanda e em 1961 vem do Brasil irmão o último título, mas dos mais gratos ao nosso coração, o Orfeão Portugal do Rio de Janeiro nomeia seu Sócio Honorário o Orfeão Universitário do Porto.

Prestes a realizar uma das suas mais longas e queridas aspirações, só pode o Orfeão possuir neste momento um desejo: escrever, ao longo da sua digressão ao Brasil, mais uma página de glória na sua História!

PORTO EDITORA, LDA.

LIVRARIA

PAPELARIA

RUA DA FABRICA, 84 — PORTO

Quando necessitar de um bom dicionário tenha sempre presente os **Dicionários «EDITORA»**

Dicionário de Português

— por J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, com a colaboração de diversos professores especializados.

Dicionários de Francês-Português

— por Olívio de Carvalho.

Dicionário de Português-Francês

— por Olívio de Carvalho.

Dicionário de Espanhol-Português

por J. M. Almoyna.

Dicionário de Inglês-Português

— pelo Dr. Armando de Moraes — professor metodólogo do Liceu Normal de D. Manuel II, do Porto.

Dicionário de Verbos Franceses

— pelos Drs. Virginia Mota, Irandino F. Aguiar e Ernâni Rosas.

DEPOSITÁRIO EM LISBOA: **Empresa Literária Fluminense, Lda.**

RUA DA MADALENA, 145

OS LAÇOS INDOCRÁTICOS DO PORTO E DO BRASIL

(Continuação da pág. 7)

tamento cultural dos dois povos, bastando citar, entre os mais próximos, Almerindo Lessa e Zeferino Paulo, a que se junta o internacional perito anestesista José Cabral de Almeida, que no Porto se diplomou em 1931.

E cá, distintos brasileiros têm feito alguns cursos e conferências como, para só citar os mais recentes, o Prof. Almeida Prado, sobre *História da Medicina*; Pacheco e Silva, que conferenciou em sessão do Ano Mundial de Saúde, no Hospital do Conde de Ferreira; e Fernando Negrão Prado, sobre *Hipnotismo*, naquele mesmo Hospital (que é centro de estudo e ensino da Psiquiatria, por concessão da Santa Casa) e depois comissionado do Governo português em Goa, para investigações sobre o pioneiro daquele método, o luso-indiano Custódio José de Faria.

Aí ficam, expressas fugazmente em apertado sumário, algumas das notas luso-brasileiras unhas nos 140 anos de vida da Faculdade Médica do Porto, notas soltas a que muitas outras se poderiam aliançar, a recolher um dia na própria vida clínica desta grande urbe duriense, que terá muito que contar, os seus sucessos, os seus clínicos a sua imprensa médica, a grande assistência de raiz brasileira.

Nem o tempo que me concederam para as procurar e agrupar, nem o espaço deste Jornal, se acadimam ao desejo que tenho de lhes dar mais amplidão e expressão. Outra vez será.

Mesmo assim, envolve este pequeno escrito um grande amor a essa grande Nação tão portuguesa de raízes e de sentido vital, em que estuam tanto sangue e tanta energia da velha e respeitabilíssima Madre Europa.

Deus o fadou em bem, ao Brasil. Que Deus continui a abençoar a sua prodigiosa ascensão, os seus prodigiosos propósitos, o seu prodigioso amor à humaníssima Civilização cristã, que magnânima e honrosamente sustem e defende!

Com muita emoção repito, ao acabar este pequeníssimo feixe de lembranças, aquelas belas letras do mestre «tripeiro» Ricardo Jorge, no *Brasil! Brasil!*:

— «Todo este país maravilhoso pela acção da natureza, maravilhoso pela acção dos naturais, encaro-o pela natureza, maravilhoso pela acção dos naturais, encaro-o-lo pelo prisma lusitanista: está aqui ao mesmo par o maior Portugal de outrora e o maior Portugal de agora».

COMO NASCE UM ORFEONISTA

(Continuação na pág. 19)

eram convocados para a Mesa. Isto não quer dizer que não pudesse haver dez do ano mais antigo, ou até mais; simplesmente, na Mesa nunca ficavam mais de cinco, mas também só em casos absolutamente excepcionais ficavam menos. E foi por isso que o número proposto à Assembleia Geral, em 1955/56, para formar uma comissão de velhos—menos de um ano depois já se lhe chamava «Conselho de Velhos» e não fomos nós que o baptizamos—para manter as tradições do Orfeão, foi de cinco orfeonistas. E também foi o mesmo critério que presidiu à ideia da reunião do «Conselho de Velhos» com os três presidentes cessantes, a fim de propor os três presidentes futuros ao beneplácito da Assembleia Geral.

E por agora não vale a pena falar mais nisso, pois este mal ajambrado trabalho é mais de generalidades do que, propriamente, de especialidade.

Mas não posso deixar de dizer que o «meu» ex-caloiro teve um baptismo «lindo», de fazer inveja a alguns indivíduos que parecem ter um paralelepípedo em lugar dos miolos. Porém, o mais extraordinário de tudo é que o rapaz, assim que terminou o baptismo, deitou a unha a uma garrafa de espumoso que eu—Eu, entenderam bem?—levava para os «velhos» mitigarem a sede... e emborcou metade.

Não há dúvidas: os caloiros só são burros até ao fim da «prova»!...

Graça Académica

E cumbriu a promessa...

O engenheiro Roberto Espregueira Mendes, actual director-geral da C. P., fez também parte do Orfeão Académico que em 1922 foi a Madrid. A viagem, incómoda debaixo de todos os pontos de vista, foi feita em carruagens de 3.^a classe. Ora houve alguém que, depois do combóio ter saído de Salamanca, resolveu deitar-se na rede do porta-bagagens e pela manhã, quando acordou, ao chegar à estação das Delícias, tinha os ossos num feixe e o corpo todo marcado...

Lamentando-se da ideia que tivera, logo aquele engenheiro, como se fôsse a dar um alívio, atalhou:

—Deixa estar que se um dia mandar «nesta coisa» hei-de acabar com estes porta-bagagens tão incómodos e com os bancos destas carruagens que não nos deixam «pregar olho»...

Passados 25 anos, o referido engenheiro ascendia, por mérito próprio, ao alto cargo que ainda agora exerce. Precisamente nessa altura, a Companhia intensificava a substituição do seu material circulante e passou a poder-se ir a Madrid, mesmo em 3.^a classe, duma maneira muito mais cómoda.

Mais tarde, o estudante que havia viajado no porta-bagagens de Salamanca a Madrid, ao ligar o episódio com os melhoramentos da C. P. comentou:

— O Espregueira é um tipo às direitas, pois o que disse... cumpriu.

Maestro Afonso Valentim

O seu talento e dedicação ao serviço do Orfeão Universitário do Porto

No momento em que se encontra prestes a realizar-se um dos mais queridos sonhos de várias gerações orfeónicas, justo é destacar quem, mercê do seu laborioso esforço, indismutável dedicação e inconfundível personalidade artística, ao longo de vinte e oito anos, elevou o Orfeão Universitário a um nível que lhe permite representar a Universidade Portuguesa e o Norte do País nas Comemorações do IV Centenário da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Referimo-nos ao Maestro Afonso Valentim, um nome do presente que é também do passado e que ao longo de vinte e oito anos assiste à passagem das gerações orfeónicas. Vinte e oito anos de trabalho redundante em êxitos, que tanto celebrizam a figura do Regente como os sucessivos estudantes que com ele têm cantado e engrandecido o bom nome do «Orfeão» e da sua Universidade.

As despreziosas palavras que aqui vão, são, na sua singeleza, uma tentativa de biografia artística do grande Regente e nosso querido Maestro.

Cedo começou a viver para a música. Ainda adolescente, já ensinava a cantar os meninos da Foz e, à missa dominical, muita gente acorria para ouvi-los. Era a espontânea revelação do artista, que uma ulterior preparação iria tornar uma realidade mais viva, indubitável.

Tamanha vocação não iria perder-se! Inicia a sua educação musical com Carlos Dubbini, professor fundador do Conservatório de Música do Porto. Em 1922 entra como professor de música na Ordem da Trindade; mais tarde, para o Grupo Musical Santa Cecília, fundado pelo Padre Xavier de Almeida e António Pacheco, onde ainda hoje se mantém e apresenta as melhores partituras de polifonia sacra. Em 1928 assume a direcção do «Orfeão Lusitano», que muitos e grandes triunfos alcança sob a sua regência. É nomeado, em 14 de Outubro de 1939, professor do Conservatório de Música do Porto, funções que ainda proficientemente desempenha. Fez parte, como executante, da Sociedade de Concertos Sinfónicos Portuenses e, simultaneamente, o seu já arrigado apêgo à modalidade orfeónica, leva-o a estudar, com Xavier de Almeida e Cónego Pereira da Rocha, «Interpretação de Música Coral».

As suas reais qualidades eram já do conhecimento das entidades superiores. Assim, em 1936, o Prof. Doutor Carneiro Pacheco, ao tempo Ministro da Educação Nacional, propõe que ao eminente Maestro seja conferido o grau de Oficial da Ordem de Santiago da Espada.

Em 24 de Fevereiro de 1937, o então Reitor da U. P., Prof. Doutor José Pereira Salgado, encarrega o Maestro Afonso Valentim da difícil tarefa de organizar um Orfeão na Universidade do Porto.

Trabalho persistente e aturado se seguiu durante cerca de mês e meio e foi, graças ao seu valor e à boa vontade e entusiasmo dos jovens que com ele colaboraram que, em 13 de Abril de 1937, se apresentou em Récita de Gala no Teatro Rivoli o que futuramente seria o Orfeão Universitário do Porto.

Pela primeira vez — coisa notável! — na história de agrupamentos orfeónicos das universidades portuguesas, se constituiu um corpo coral misto.

Como era de prever, nesse Sarau memorável, verdadeiro marco dum glorioso ressurgimento do Orfeão na Universidade do Porto, o Maestro Afonso Valentim alcançou mais um clamoroso êxito na sua carreira.

A partir dessa data o conceituado Regente imprime ao Orfeão uma actividade a todos os títulos valiosíssima, que se interrompe

em 1938, ano em que lhe é concedida uma bolsa de estudos pelo Instituto de Alta Cultura, que lhe permite em Itália estudar com os grandes Maestros, Franco Vittadini, Luigi Picchi, Armando Antonelli e Rafael Casimiri.

Entretanto, dirige também a Tuna Universitária do Porto, com a qual obteve enormes êxitos dentro e fora do País nos de 1937 a 1939.

De há vinte e oito anos a esta parte, o Orfeão Universitário do Porto colhe os louros das grandes glórias que oferece à sua Universidade para seu prestígio e honra. As vozes moças dos seus componentes, sob a competente regência de Afonso Valentim, levam às terras da vizinha Espanha e do Portugal d'Além-Mar, em cada canção, uma alacre sinfonia de mocidade e um retalho expressivo da cultura duma Universidade.



MAESTRO AFONSO VALENTIM

Regente do Orfeão Universitário do Porto

A melhor homenagem que podemos prestar a quem, há vinte e oito anos, tem conduzido o Orfeão de triunfo em triunfo até o tornar no categorizado e prestigiado conjunto que é hoje, se encontra perfeitamente condensada nestas palavras do Jornal «O Lobito», de Angola, publicadas aquando da visita que o Orfeão realizou a esta Província em 1956, e que na íntegra se transcrevem:

«Nunca as paredes do «Imperium» ouviram vozes mais harmoniosas.

Unção e harmonia arrebatadoras. — Uma centena de gargantas de ouro comandadas por duas mãos mágicas. — Trombetas evocando batalhas e melodias que põem a alma de joelhos».

Esta, a homenagem do Portugal d'Além-Mar!

A nossa, tão sentida quanto ela, só pode ser uma, que palavras singelas traduzam:

«Obrigado, Maestro!»

A Actividade Artística

I

Uma das razões básicas que presidiram à criação de um agrupamento coral na Universidade do Porto foi a necessidade que os estudantes sentiram de desenvolver as suas aptidões musicais e, simultaneamente, satisfazer o ideal de que a cultura não deve ser património de um número restrito de pessoas mas sim amplamente divulgada por todos os meios sociais, primordialmente pelo meio universitário.

Ponhamos agora o problema: que tipo de cultura deverá o O. U. P. desenvolver e manifestar, quer entre os próprios componentes, quer no meio social em geral e de que forma poderá um organismo como o O. U. P. fomentar a cultura musical?

Analisando cuidadosamente a primeira parte do problema, várias hipóteses se podem aventar: ou a escolha de uma cultura erudita, originária dos génios da arte musical, ou a escolha de uma cultura de origem étnica, enraizada no próprio coração do Povo. Que o Povo também é artista! No seu coração vibra a intuição poética, a sensibilidade musical, o sentido dramático perante o fluir das realidades e dos factos! Quantos artistas ignorados não se manifestam apagadamente, escondidamente, mas vibrantemente artistas no dia a dia da vida real! Não é o Povo que sente, ama e fala? Será então legítimo que um Orfeão Universitário se dedique principalmente à arte musical originária do Povo? Sem dúvida que sim.

A arte de origem popular, é, possivelmente, a mais despida de preconceitos, de normas asfixiantes, a mais livre e sensível. Pura e simples, constitui o mais fértil campo de inspiração de artistas e são incontáveis os exemplos a apontar. Desde a sinfonia Pastoral de Bethoven até aos poemas sinfónicos de Villa-Lobos, um mundo de música se baseia no mundo da Natureza e do Povo! Porque não há-de um Orfeão Universitário dedicar-se à divulgação deste tipo de cultura? Porque não há-de dar a conhecer os compositores que, encantados pela simplicidade e sensibilidade do povo ignorado e artista, se serviram de motivos populares para alicerçarem e construir as suas obras? Sendo os universitários os elementos do povo que aspiram a uma cultura que só a Universidade lhes pode dar, será legítimo que reneguem a arte do meio donde procedem e a troquem por uma arte, talvez mais erudita e desenvolvida, mas menos comunicativa e sensível, mais fria e distante?

Não, cremos que tal troca não é legítima. A verdadeira arte popular — não a falsificada, sofisticada, comercializada e banal — merece ser divulgada e é o meio Universitário aquele que melhor a pode compreender e apurar. O meio universitário, melhor do que qualquer outro, poderá interpretar a arte popular dando-lhe, todavia, a elevação, sobriedade e elegância que ao Povo propriamente falta e eliminando a rudeza e desencantos puramente acidentais que o Povo, na sua incultura inicial, habitualmente empresta às suas manifestações artísticas. Ou seja, uma vez mais, o Universitário procura rodear a sua actuação da educação e delicadeza que devem caracterizar o meio social duma Universidade. Educação sob todos os sentidos! Delicadeza sob todos os aspectos! Incluindo o cultural!

É esta a base escolhida pelo Orfeão Universitário do Porto em que assenta a sua actividade artística. Divulgar a arte popular burilada pelos compositores que sabem compreender, apreender e interpretar o Povo. Assim, o Orfeão escolhe para seus compositores nomes eminentemente nacionais, intérpretes da alma e sensibilidades portuguesas. Alfredo Keil, Hermínio do Nascimento, António Joyce, Gonçalo Sampaio, Manuel Machado, Ruy Coelho, Josué Trocado, Fernando Moutinho e tantos outros são figura de relevo na galeria extensa de criadores de música a quem o O. U. P. deve tanto dos êxitos obtidos. São compositores que

além da emoção artística, a satisfação de enformar e compor temas do património musical português na convicção de que a própria Pátria pode constituir um estímulo e um tema para a composição musical.

Mas o Orfeão Universitário do Porto não esquece que há obras musicais que constituem património universal e imortal. Obras que são sempre actuais, sejam quais forem a época, o local e o meio social que as apreciem. Wagner, Rossini, Mozart, etc, são compositores sempre presentes na vida e actividade do O. U. P. Não são dominantes, dada a orientação escolhida para a actividade do grupo coral do nosso Orfeão! Mas nunca são olvidados!

do Orfeão Universitário do Porto

por Eduardo Beirão Reis

Presidente da Direcção do OUP

A cultura não deve, nunca, fechar-se dentro do próprio país; deve ultrapassar suas fronteiras, num e noutro sentido. Cultura e Arte, assim como Caridade e Amor, não têm fronteiras. Pertencem a todos, são universais.

II

Analisámos já os tipos de cultura que poderiam constituir a base de trabalho de um Orfeão Universitário, a base ideológica da sua actividade artística e, concluindo da legitimidade de a arte popular poder ascender a um dos expoentes da Arte Nacional, justificámos que um Orfeão Universitário tem condições para ser um dos melhores intérpretes da alma e sentimento do Povo, comportando-se como um dos melhores veículos da divulgação deste tipo de cultura.

É esta a linha de pensamento seguida pelo Orfeão Universitário do Porto. A elevação da cultura do meio universitário pela elevação do conceito da «arte do Povo».

Foquemos agora a segunda parte do problema inicialmente proposto: por que formas poderá o O. U. P. exercer a sua actividade artística de modo a cumprir as ideias básicas apontadas? Ou seja, que manifestação de arte popular não susceptíveis de, pela sua qualidade intrínseca, beleza singela mas pura e naturalidade verdadeira, serem objecto da atenção e do trabalho do O. U. P.?

Sem dúvida que o canto coral deve ocupar posição fundamental na actividade artística do O. U. P., na qualidade de razão de ser do próprio Orfeão, de base essencial da existência e continuidade do organismo. Do valor do Corpo Coral conclui-se «à priori» do valor global do O. U. P. na medida em que não é legítimo descuidar o aspecto básico em favor de actividades secundárias, por mais pertinentes que sejam.

A criteriosa escolha das obras interpretadas muito significa na valorização de uma perfeita divulgação da riqueza artística do Povo. Diferentes regiões dentro dum mesmo país têm, sem dúvida, diferentes características, diferente será a forma de sentir e pensar de seus povos, distintos os temas e motivos que possam inspirar um compositor. Mas não interessa apenas a divulgação da variedade e riqueza do património artístico do Povo! Um mesmo tema inspira de formas diversas a sensibilidade de quem o estuda e desenvolve. Um compositor também é um estudioso, rege-se por determinados princípios, segue uma escola! O seu valor não reside nos motivos escolhidos mas sim na maneira como os valoriza, os estiliza e lhes dá a forma de Arte de qualidade superior. Assim, o modo diverso como diferentes com-

positores sentem e trabalham o que o Povo lhes faculta traduz, em última análise, uma evolução e progresso da Música que interessa sobremaneira focar e pôr em relevo.

Sendo o canto coral a finalidade primeira e essencial do O. U. P., tem muito interesse a seguinte questão: poderá o O. U. P. manter actividades artísticas subsidiárias, dentro dos ideais que norteiam a sua existência?

Se o canto coral constitui a forma mais culta e elevada de exprimir a música do povo, outras manifestações da sua arte e sensibilidade têm igualmente valor, mesmo num estado de pureza inicial, caracterizado por uma beleza rude mais vigorosa, miscelânea de luz, cor, música, garrida e vistosa. Menos delicada, é certo. Mas... não será bela uma rudeza que tenha personalidade, força, carácter?

As danças e cantares do Povo, na alegria do seu trabalho ou na expansão em seus divertimentos são, sem dúvida, arte genuína do Povo, arte em que se entrecruzam música e canto, coreografia e movimento, cor e beleza plástica. O valor intrínseco desta arte reside na simplicidade dos seus elementos integrantes e no efeito total conseguido para além dessa simplicidade.

Danças e cantares do Povo! Sem dúvida que o Universitário aí encontra um vasto campo onde pode desenvolver o sentido estético e, simultaneamente, a capacidade de aperfeiçoamento. Ao interpretá-las, o Universitário não pode cingir-se a uma mera cópia, tem que lhes transmitir o «toque» da sua posição culturalmente superior, embora sem as alterar naquilo que possuem de essencial e que lhes dá toda a sua força e beleza. O Povo é artista, mas rude! O Universitário, em potência, é um artista intelectual e a elegância deve sobressair em todas as suas atitudes e realizações.

Assim se justifica que o O. U. P. procure cultivar e divulgar o folclore português, quer por meio do seu Grupo de Danças Regionais, quer pelo seu Conjunto de Mornas de Cabo Verde, quer pela sua Tuna que, estilizando e harmonizando temas musicais populares, procura obter arranjos sóbrios que, uma vez mais, manifestem que a evolução musical dos motivos do Povo conduz a uma arte digna de ser considerada.

O Povo sente, ama, sofre... o Povo também é poeta. Quantas vezes as situações reais do dia a dia da vida não inspiram versos que rimam ao sabor do drama, da tragédia, da alegria e da tristeza, da melancolia e da esperança. Versos sinceros, poesia do mais fundo da sua alma!

O Universitário também é poeta e, simultaneamente, idealista. Tem uma poesia muito sua, muito distinta de qualquer outra, imbuida de seus ideais de Amor e Esperança, pura e simples, sem preconceitos nem falsidades. Uma poesia que sabe a música, acompanhada por música que em si é poesia. O Fado do Universitário é um pedaço da sua alma que ele deseja dar a quem lho quiser e souber receber. Trinados de guitarras e violas que exprimem seus anseios, poesias que dizem de seus estados interiores, o Fado do Universitário é uma forma de cultura de carácter diferente, que apenas universitários sabem sentir e interpretar devidamente. É uma manifestação artística que tanto pode resultar de uma exteriorização de sentimentos e estados de alma provocados pelo meio social em que está integrado como de uma vibração estética perante obras belas de consagrados cultores da Arte, como sejam as baladas inspiradas nas obras dos maiores poetas da língua pátria.

Ficou assim definida não só a orientação básica que deve nortear a actividade artística do O. U. P. como ainda as diversas facetas que são susceptíveis de ser encaradas e desenvolvidas na consecução desses princípios fundamentais. Orientação num sentido que nos parece justo e pertinente, actividade que se integra realmente no esquema fixado. E a força de vontade dos que realmente querem, faz o resto: dar vida aos princípios, dar existência e continuidade ao trabalho!

Eduardo Beirão Reis
Presidente da Direcção do O. U. P.

Nótulas históricas

A CIDADE DO RIO DE JANEIRO

(Extraído da Grande Enciclopédica
Portuguesa e Brasileira)

RIO DE JANEIRO, cidade da América do Sul, capital dos Estados Unidos do Brasil, chamada oficialmente **S. Sebastião do Rio de Janeiro** e na linguagem comum local simplesmente **Rio**, situa-se na costa SE. da República, estendendo-se pelo litoral oriental da baía de Guanabara (Rio de Janeiro).

A baía em que está edificada a cidade foi talvez descoberta no dia 1.º de Janeiro de 1502, e por isso designada por Baía do Rio de Janeiro, já que parecia ser o desaguadoiro de um rio. Viriam por ventura os descobridores numa flotilha de três caravelas, comandadas por personagem de nome incerto, quando, no ano seguinte de 1503, Gonçalo Coelho, que procurava um caminho ocidental para Malaca, percorreu com seis navios toda a costa do Brasil, ancorou na baía e encontrou o seu contorno, desde a praia do Flamengo até à ilha do Governador, povoada por ameríndios tamoios, da tribo dos Tupis, raça valente e guerreira que vivia em aldeias chamadas «tabas» e praticava a antropofagia.

A planície em que se levanta hoje a cidade era um mangueiral pantanoso, cortado por inúmeros arroios que desciam das colinas próximas. Ao que parece, Gonçalo Coelho teria fundado uma feitoria na ribeira de um rio que por isso se chamou da Carioca, ou «casa do branco». Outros navegadores teriam ali aportado antes da chegada de Fernão de Magalhães, no percurso da sua viagem de descobrimentos de um caminho ocidental para as Molucas.

Demorou-se ali uns quinze dias, ao cabo dos quais prosseguiu para o Sul. Portugal, absorvido então pela faina da Índia, não se ocupou por esse tempo do Brasil, até que em 1531 os Franceses, que havia tempo nos disputavam a supremacia naquelas paragens, fizeram uma tentativa formal para se apoderarem delas.

A 30 de Abril de 1531, Martim Afonso de Sousa, enviado para resistir aos Franceses, desembarcou na baía do Rio de Janeiro, fundou um forte e encontrou em amigáveis relações com os indígenas. Mas o núcleo populacional não prosperou. Em 155, o hugnoto francês Nicolau Durand de Villegaignon, cavaleiro de Malta e Vice-Almirante da Bretanha, ao mando de Coligny, pretendeu fundar no Brasil a «França Antártica», espécie de soberania independente que servisse de asilo aos sectários de Calvino.

Entrou na baía em 10 de Novembro de 1555 com dois navios bem armados e ocupou a ilha de Sergipe, depois chamada de Villegaignon, onde construiu o forte de Coligny. Dois anos depois apareceu a secundá-lo o seu sobrinho Bois le Compte, com três navios, dezóito canhões e trezentas pessoas; e, tornados já donos de toda a baía, travaram os Franceses amizade com os Tamoios e os vizinhos Tupinambás. Em 1560, o governador Mem de Sá partiu da baía e atacou na Guanabara os Franceses em suas posições fortificadas, derrotando-os. Arrazou o forte Coligny e obrigou os intrusos a buscar refúgio na terra firme.

Regressado Mem de Sá à baía, os Franceses reuniram-se de novo, e acompanhados de Ameríndios, fortificaram-se no outeiro da Glória e na ilha a que depois se chamou «do governador», voltando a dominar toda a baía.

Em 1565 Estácio de Sá, sobrinho de Mem de Sá, desembarcou na Praia Vermelha, entre os picos do Pão de Açúcar e da Urca, e lançou os fundamentos de uma povoação, a que deu, em honra do rei, ainda menor, o nome de S. Sebastião.

Histórias Académicas

Ossos do ofício...

O conhecido escritor Dr. Joaquim Pacheco Neves que faz parte do brilhante curso médico de 1932, após a formatura abriu consultório em Vila do Conde e passou a dedicar-se à Estomatologia. Há pouco, os seus condiscípulos, entre os quais se constam os Profs. Dr. Joaquim Bastos, Esteves Pinto, Júlio Machado Vaz e Santos Júnior, prestaram-lhe uma justíssima homenagem. Como não podia deixar de ser, houve discursos e, em certa altura, um dos seus condiscípulos — o dr. Fernando Cristo — com aquele humor que todos lhe conhecem, disse:

— No nosso curso o Pacheco Neves é um caso único, pois passa a vida a tirar os dentes aos outros, para dar que fazer aos seus...

E o caso não é para menos...

Numas velhas sebatas da cadeira de Algebra — do tempo em que a mesma era regida pelo saudoso mestre Luiz Woodhouse, — encontra-se, a lápis, esta anotação:

— Tenho muita vontade de estudar mas... domino-me.

Os agregados...

In illo tempore... em todas as excursões académicas, havia muitos que tomavam parte nas mesmas e não faziam nada... «Empreiteiros» passeavam nos «cobreiros» — que não eram muitos, já se vê... — e seguiam na categoria de agregados. Os outros que tocassem, cantassem e representassem, pois isso nada era com eles.

Ora, quando o célebre «curso da traurita» — o curso médico de 1928-29 — foi, na altura do seu 3.º ano, de abolição até aos Açores, entre outros, seguiram naquelas condições os estudantes de então: Ernesto de Morais, Jacinto, Abrunhosa e Rolando Van-Zeller.

Uma tarde, já com o barco no mar alto, quando os três passeavam no convés, o António Rangel — que a morte levou há pouco... — indo a caminho de um ensaio, voltou-se para eles e inquiriu:

— E vocês, não fazem nada?...

E o estudante que viria mais tarde a ser professor ilustre da Faculdade de Medicina, com a sua característica fleuma, respondeu:

— Nós somos os empresários...

E lá tinha as suas razões...

Há uns bons 35 anos passou pela Faculdade de Medicina uma excelente rapariga, boa camarada, de educação primorosa mas que, em verdade se diga, nada devia à formatura — coisa com que a Faculdade nada tinha a ver...

Ora, ao proceder-se à organização do Livro do Curso, um dos condiscípulos — o saudoso João Casanova Pinto — foi incumbido de lhe fazer a respectiva caricatura. Com a sua irreverência, o caricaturista exagerou em damasia o traço da colega visada.

Entregue o «boneco» a outro condiscípulo encarregado da versalhada — que deve ter sido, se a memória não falha,

o Dr. Alvarenga de Andrade — este, perante a caricatura apresentada, de ponto, deixou esta quadra:

A musa ao chegar aqui
Emudece embezzerrada.
Este retrato diz tudo
Que eu por mim, não digo nada.

Aquando da digressão artístico-cultural que o O. U. P. realizou, este ano, às cidades espanholas de Zamora, Salamanca e Valladolid, foi acompanhado pelo Ex.^{mo} Senhor Prof. Doutor Carlos Braga, investido da qualidade de representante do magnífico Reitor da U. P.

Como recordação desses dias vividos em comunhão de sentimento — honrar e prestigiar a nossa Universidade — e testemunhando o apreço que a tão insigne professor merece o Orfeão da sua Universidade, quis Sua Excelência obsequiar-nos com os seguintes versos, escritos durante a digressão:

Ao Orfeão Universitário do Porto

Orfeão dos Estudantes
Conheciste sempre assim
Hoje, amanhã, como antes
Com o Maestro Valentim

Levando de terra em terra
O teu saber e encanto
Toda a beleza que encerra
A arte do belo canto.

Na sua beleza calma
O cantar é grito d'alma
Desabafo emocional

Quem canta seu mal espanta
E por isso sempre cantas
Este nosso Portugal.

A caminho de Valladolid em 20/4/65

Carlos Braga

O Baptismo do Caloiro

De entre as várias cerimónias tradicionais que continuam a manter-se no OUP, uma há que, pelo seu significado, se destaca. Refiro-me ao «Baptismo», terror do caloiro e elo forte a irmanar todos os orfeonistas.

Desde há muito tempo que é costume, no início de cada ano artístico, reunir todos os novos elementos do Orfeão a quem o Presidente da Direcção, numa breve alocução, explica o que é o organismo onde acaba de entrar; diz-se-lhes, entre outras coisas, que não são ainda verdadeiramente orfeonistas; que só o serão depois de serem «baptizados» pelos mais velhos, numa cerimónia que, apenas aparentemente, serve para os veteranos se divertirem à custa dos caloiros. Pede-se-lhes que aceitem essa tradição com o espírito aberto para o seu significado e não para as «maldades» que lhes fizerem.

É claro que os caloiros ficam com um certo receio, perguntando-se intimamente o que se passará na famigerada cerimónia. Os seus colegas mais antigos encarregam-se de aumentar esse «terror» com uma campanha psicológica quase sempre bem desenvolvida. Aponta-se **este** e **aquêle** como «terríveis» para quem lhes «cair nas mãos». Enfim, a coisa atinge um ponto tal que, quando chega o momento de um caloiro ser baptizado e ele

que nada do que ele disser em resposta a perguntas ou fizer a mando de alguém, o diz ou faz «acertadamente». Os problemas postos têm sempre uma solução diferente da que é escolhida pelo caloiro.

Atinge-se depois um momento de ligeiro «suspense»: chegou a altura do candidato a orfeonista escolher **Padrinho!**

Os elos que unem Padrinho e afilhado perduram quase sempre pela vida fora. Já lá vão uns anos que tive de escolher o meu e ainda hoje considero o Dr. Manuel Vasconcelos, actualmente a exercer clínica em Angola, como um dos meus amigos mais queridos.

O Padrinho é o protector do caloiro em tudo quanto se vai seguir, sendo ao mesmo tempo seu juiz. É ele que, em primeira

por

Jaime Coutinho Lanhoso

instância, resolve se se deve ou não conceder o baptismo, propondo-o à **Mesa** que dirige e orienta a cerimónia. É por isso que a escolha do Padrinho tem sempre de ser sancionada pelos elementos que constituem a Mesa e que são os mais antigos do Orfeão. Se nada houver a contraindicar a escolha do caloiro, a Mesa aceita o elemento proposto, embora nunca o faça imediatamente, para criar um pouco mais de «suspense». O próprio «Doutor» se esforça por parecer que faz um grande sacrifício em aceitar mas, normalmente, acaba por «transigir».

Chegou a altura do novo orfeonista «mostrar o que vale»; ele tem de desenvolver um **tema** apresentado pelo Padrinho e que, claro, todos consideram facilimo, protestando enérgicamente perante a Mesa pela escandalosa protecção que está a ser concedida àquele «animal». Tudo serena finalmente e o caloiro tenta dizer qualquer coisa lógica sobre um tema que nunca o é! Esta constitui a parte mais importante do «baptismo», sendo também a mais difícil para o candidato. É da sua actuação neste momento que depende a concessão ou não do título de «Doutor» e do direito de ser considerado como igual aos outros mais antigos.

Quando o Padrinho entende ser suficiente o «sacrifício da vítima», propõe à Mesa que a cerimónia termine. Aceite a proposta, o «Padre» procede ao baptismo, ajudado pelo «Padrinho» que lhe dá o «nome orfeónico», mais ou menos baseado em qualquer facto passado na **cerimónia**.

É chegado o momento solene de acender as luzes todas e de o Padrinho e a Mesa abraçarem o novo «colega» perante os aplausos de todos os presentes.

Não é raro ver-se o caloiro emocionado dando abraços bem apertados, como querendo agradecer a honra que lhe acaba de ser concedida, ao mesmo tempo que as lágrimas lhe correm livremente pelas faces.

Ele sente-se mais ligado àqueles carrascos; pela 1.^a vez foi figura central, com os elementos mais importantes do Orfeão a preocuparem-se com ele e a abraçá-lo, chamando-lhe **colega**. Qualquer coisa se modificou na maneira como os outros o tratam; ele próprio nota em si uma atitude diferente perante o Orfeão. Ela não sabe traduzir o que se passa, mas o que se passa é que, agora, ele é **ORFEONISTA**.



entra no recinto previamente «preparado» para a cerimónia, treme e, a voz não sai com a pureza que se poderia exigir a um «cantor». É claro que tudo isto é psicológico, desde a «conversa» dos dias anteriores até às luzes das velas a iluminarem insuficientemente o recinto, às capas traçadas a cobrirem a boca e as caras dos veteranos.

Quando o caloiro entra e o mandam colocar-se no meio de uma roda de colegas que ainda há pouco se riam e conversavam amigavelmente com ele e agora o olham com cara de caso, no meio de um silêncio sepulcral, ele tem imediatamente a sensação de que tudo quanto lhe disseram sobre aquilo é verdade. É claro que ninguém lhe explica o modo de se dirigir aos veteranos e não demora muito que incorra em «sanções» por falta de respeito a um «Doutor» qualquer.

Julgo não ser necessário chamar a atenção para o facto de

Umas palavras

(Continuação da página 3)

me a decisão — de dar corpo a essa ideia, de tornar uma realidade viva esse anseio. Oxalá o optimismo que volta a despontar não seja desmentido pelos factos e os bons propósitos não continuem confinados ao papel das notas diplomáticas. Não basta, com efeito, apregoar que devemos viver como filhos de dois países irmãos, do mesmo sangue e da mesma fé, presos às raízes da mesma formação histórica; é preciso mostrar que as duas nações de língua portuguesa não estão apenas ligadas pelas evocações do passado, mas também pelas realidades do presente e as possibilidades e exigências do futuro; para tanto será preciso conhecermo-nos melhor, para melhor nos compreendermos e estimarmos.

Grande esperança se depositou também no acordo cultural luso-brasileiro, há anos regulamentado, e no seu contributo para se fazer de Portugal e Brasil uma verdadeira unidade de sentimentos e de cultura, em união afectuosa e fecunda, numa comunhão de ideias e de interesse na conservação dos valores eternos e imutáveis, tão caros à nossa sensibilidade. Pois bem: no domínio prático, pouco se tem feito — forçoso é reconhecê-lo — e sem isso não se alcançará a coordenação de pensamento e de trabalho que permita tornar os dois povos uma verdadeira comunidade.

Vão os jovens universitários portuenses, como os de Lisboa, viver com os brasileiros um dos momentos da comemoração da fundação da que foi a capital da grande Nação, a qual está a celebrar-se com a dignidade e esplendor requeridos. Ser-lhes-ão gratas, como a todos nós, essa participação e essa solidariedade na evocação e glorificação dos nossos antepassados. Levam aos seus camaradas os sentimentos de afecto e de admiração que são, afinal, os sentimentos que todos os Por-

tugueses nutrem pelo Brasil, prolongamento natural da nossa terra, onde se forjou a alma brasileira, ao mesmo calor da chama que iluminou o Mundo numa hora que o Mundo jamais poderá esquecer e mais tarde propiciou ao Brasil a definição e a defesa da sua unidade geográfica, política e espiritual.

Ao mesmo tempo, melhor poderão aferir do carácter ecuménico do nosso destino histórico, do valor da verdadeira solidariedade, cada vez mais imprescindível numa época em que o vento da inquietação e do desassossego varre o Mundo e se contestam legítimos direitos sobre o que à custa de tantos esforços e sacrifícios pudemos construir. E, assim, terão eles a ventura de sentirem altear o nobre orgulho do sangue que nos corre nas veias, da criação desse prolongamento da nossa Pátria, os traços dessa maravilhosa epopeia que teve como remate a fundação duma nacionalidade que, com o velho solar europeu, forma um vasto império espiritual e civilizador — Brasil-Portugal — esse império da língua, um império que não se teme nem se odeia, antes se aceita e se ama, como fruto do nosso génio, da projecção universal da nossa cultura, de contribuição para a obra comum da civilização.

Que a voz moça dos nossos estudantes possa levar e traduzir bem o testemunho de gratidão a quantos têm posto seu entusiasmo, seu coração e sua fé ao serviço da unidade do mundo luso-brasileiro e, muito especialmente, àqueles que, humildes e fecundos na sua obra, feita de amor, de paciência e de bondade, para Portugal têm trabalhado pela grandeza do Brasil — são os votos fervorosos de quem acompanhou e acompanha, com emoção, carinho e saudade, a vida dos organismos circum-escolares da Universidade portuense — que eles galhardamente procuram honrar como bons filhos —, e deste momento se vale para, em obediência a elementar preceito de justiça, lhes reafirmar o apreço e admiração que o seu labor lhe merece. E, com esses votos, os não menos fervorosos, de boa e feliz viagem!

SABIA QUE...

... o Estado da Guanabara tem 1.356 km² de superfície e 3.627.00 habitantes?

... o bondinho do Pão de Açúcar é também conhecido por «caminho aéreo funicular»?

... o grupo tupi que habitava a Guanabara tinha o nome de Tamoio?

... a Ilha do Governador chamava-se antes Maracajá e o seu nome actual se deve a ter pertencido ao Governador Salvador Correia de Sá?

... carioca realmente significa «casa de branco» ou «casa do peixe acari»?

... é na Ilha de Villegaignon, a antiga Sirigipe, que se ergue actualmente a Escola Naval?

... Petrópolis significa «cidade de Pedro»?

... os Museus de Petrópolis e do Catete são dedicados respectivamente à História do Império e da República?

... os restos mortais de D. Pedro II e Teresa-Cristina-Maria se encontram na Catedral de Petrópolis?

13 DE ABRIL DE 1937

O Orfeão Universitário do Porto apresenta, em Récita de Gala no teatro Rivoli da cidade do Porto, o seu primeiro Sarau Anual.

7 DE AGOSTO DE 1962

O Orfeão embarca no paquete «PÁTRIA» rumo a Angola — realizando a sua grande digressão artístico-cultural a esta Província Ultramarina Portuguesa.

23 DE SETEMBRO DE 1962

O Orfeão Universitário do Porto regressa ao Porto depois de ter feito uma digressão artística pela Província de Angola.

6 DE MARÇO DE 1912

Assembleia Magna da Academia Portuense, no Palácio de Cristal, da qual resultou a fundação do Orfeão Académico do Porto.

10 DE MARÇO DE 1959

O Orfeão Universitário do Porto apresenta-se em Lisboa, no Teatro Nacional de D. Maria, num Sarau oferecido ao Governo e à Academia de Lisboa.

21 DE MARÇO DE 1962

Iniciam-se as Comemorações das Bodas de Ouro do O. A. P. e as Bodas de Prata do O. U. P. com a realização de um Jantar de Confraternização Académica no Pavilhão dos Desportos do Porto. Ao

EFEMÉRIDES

17 DE OUTUBRO DE 1960

Ao Orfeão Universitário do Porto é conferido o grau de Comendador da Ordem de Benemerência.

5 DE DEZEMBRO DE 1922

No Teatro S. João, a Tuna e o Orfeão Académico do Porto numa Récita de Gala em honra de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

13 DE DEZEMBRO DE 1948

É fundado o Teatro Universitário do Porto.

20 DE DEZEMBRO DE 1962

É inaugurada solenemente a sede da Associação dos Antigos Alunos da Universidade do Porto.

30 E 31 DE DEZEMBRO DE 1949

O Orfeão Universitário do Porto apresenta-se no Teatro Municipal Baltazar Dias na Ilha da Madeira.

Jantar, que reúne cerca de 500 convivas, segue-se uma Serenata Monumental nos Jardins do Palácio de Cristal.

22 DE MARÇO DE 1962

Terminam as Comemorações do 50.º Aniversário do Orfeão com a realização, no Coliseu do Porto, de um Sarau em que participam orfeonistas de todas as gerações.

23 DE MARÇO DE 1928

O Orfeão Académico do Porto apresenta-se pela primeira vez em Coimbra.

28 DE MARÇO DE 1951

Partida do O. U. P. para uma digressão artística por Vigo, Corunha e Santiago de Compostela.

Portugal e Brasil

Ambicionam uma cultura comum através de um intercâmbio universitário.

Gostaríamos todos, portugueses e com certeza, brasileiros, que esta visita do Orfeão Universitário do Porto, em representação nacional às festas do quarto centenário da cidade do Rio de Janeiro, servisse para um maior estreitamento das relações culturais entre Portugal e Brasil. Temos, até, uma fé inabalável de que a presença em terras brasileiras de quase cem estudantes universitários da Pátria portuguesa pode contribuir de maneira decisiva para a realização desta etapa tão importante na vida das duas Nações, irmãs há quase quinhentos anos, nos mesmos ideais, na mesma fé inquebrantável, nos mesmos desígnios da Providência.

Desejariamos todos que a cultura luso-brasileira se identificasse e uniformizasse, pois nem o Brasil esquece que recebeu de Portugal os primeiros encorajamentos, nem Portugal pode olvidar quanto a grande nação brasileira pode servir para uma maior e mais vasta divulgação da língua portuguesa.

Portugal é um país do velho Mundo, constantemente rejuvenescido e o Brasil, uma nação nova que tem a maturidade que lhe resultou da evolução dos acontecimentos mundiais, dentro da sua órbita.

A embaixada orfeónica constituída pela elite universitária portuense, representa nobremente a Universidade portuguesa e deseja que esta digressão se não traduza somente na exibição dos seus componentes. Antes ambiciona ardentemente que se possa alcançar entre os dois países aquele grau de cultura que melhor sirva ao prestígio e renome de Portugal e Brasil.

Nós, universitários: médicos, engenheiros, farmacêuticos, geólogos, economistas, matemáticos, professores, historiadores, filósofos, etc. pretendemos aproveitar a nossa presença na bela e hospitaleira terra brasileira, para iniciarmos um intercâmbio com os nossos colegas brasileiros. Desejamos dar-vos o nosso saber, a nossa experiência e recebermos, no mesmo tom de reciprocidade, sem reticências, o vosso saber e a vossa experiência. Desejamos uma fusão de cultura ocidental europeia com a cultura sul-americana.

Queremos, ter entre nós, em estágios, os vossos universitários, afinal a vossa elite e do mesmo modo.

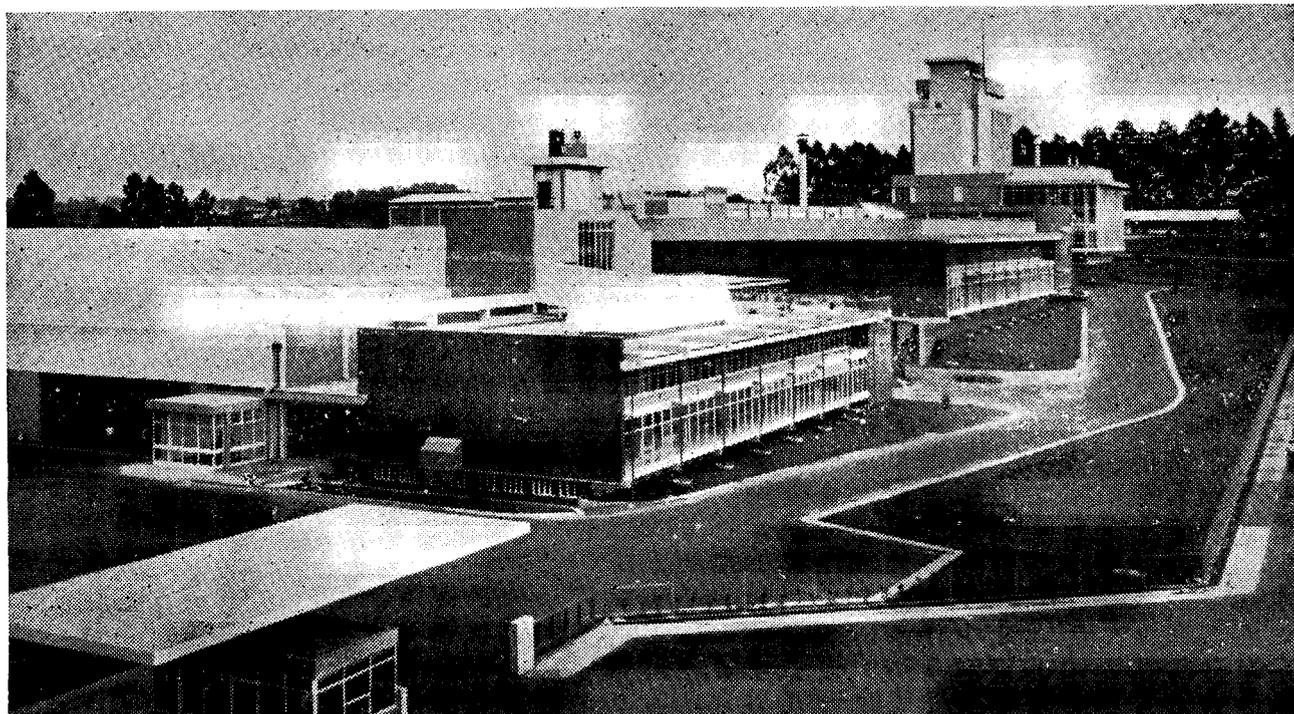
de

Correia de Brito

queremos ter os nossos estágios na vossa terra, para que deste cadinho de culturas alguns pontos diversas, mas ambas construtivas e prestigiosas, possa sair uma juventude ainda mais segura de si, capaz de mostrar ao Mundo que a união de dois Povos, tão grandes pelo seu passado e pelo seu presente, possa tornar-se uma força indestrutível.

Ambicionamos ter em Portugal, os vossos estudantes, auscultar-lhes os seus anseios, viver os seus problemas, sentir as suas angústias, curtir as suas mágoas, resolvermos à mesa redonda os nossos problemas, criarmos afinal de contas uma juventude segura de si mesmo, ciente das suas responsabilidades e do seu papel no grande concerto das Nações, tanto mais assinalável quanto é certo que, numa altura em que o Mundo parece ter caído no desvario das chancelarias, ainda temos, em Portugal e Brasil, a serenidade, a calma e a dignidade de querermos entre nós a união de culturas que tanto pode contribuir para o engrandecimento da raça portuguesa.

Não podemos, nem mais um minuto, ficar se não



NOVAS INSTALAÇÕES DA COMPANHIA UNIÃO FABRIL PORTUENSE EM LEÇA DO BALIO

Passado e Presente

Dedicado aos
Orfeonistas de outros tempos

indiferentes, pelo menos como que de certo modo estranhos ao que se passa com a cultura brasileira. Precisamos conhecê-la melhor, ambicionamos aprender as suas lições que tornaram o Brasil, uma nação enobrecida no estrangeiro.

É preciso que os governos dos dois países assentem nestas coordenadas basilares: estágio inter-cambial luso-brasileiro e criação de bolsas de estudo recíprocas.

Queremos os médicos brasileiros nos nossos hospitais; os engenheiros na construção dos nossos edifícios, os economistas nas nossas empresas, os professores nas nossas Universidades, os farmacêuticos nas nossas farmácias, os cientistas nos nossos laboratórios, os lentes nas nossas cátedras, os historiadores directamente debruçados na nossa História, para que os brasileiros sejam cada vez mais portugueses e os portugueses cada vez mais brasileiros, até que os dois povos formem duas nações distintas pelas fronteiras, mas identificados, uno e indivisível como se fossem um só povo.

A distância entre nós é cada vez menor. Já Lisboa e Rio de Janeiro estão ligadas por umas escassas horas, em plena era do jacto, mas o futuro há-de tornar as duas cidades tão próximas com as facilidades de transportes que a técnica moderna anuncia, que não se poderá falar mais no factor distância, como determinante da impossibilidade de estreitarmos entre nós todos os elos que nos ligam e vinculam. Temos de criar um cordão umbilical que nos torne uma raça poderosa, pela força e pela coesão, mais respeitável ainda em todo o Mundo.

É preciso que, com a maior urgência se estabeleça entre os dois governos uma ligação perfeita, sem tibiezas, no domínio cultural, para o que, daqui, damos o primeiro passo, com uma sugestão que não queremos fique no esquecimento, nem na indiferença; não se formulem objecções, nem adiamentos; não nos falem em dificuldades, em embaraços.

Portugal e Brasil têm um papel importante e quase diríamos decisivo, para que se crie uma cultura única, enorme em potencial, rica pelo entendimento entre as duas nações, de modo que o Mundo desagregado, vitimado por ambições caldeadas por ideais políticos antagónicos, possa encontrar no nosso exemplo, uma razão nova e válida para arripiar caminho e viver-se mais o papel da juventude cultural e menos a tarefa da juventude bélica.

É necessário que nos batamos com os nossos conhecimentos, o nosso saber, o nosso cérebro, em vez de usarmos as armas, os braços belicosos, comandados por um cérebro polvilhado de projectos militaristas.

Terminamos estas nossas brevíssimas sugestões, com a esperança de que esta visita do Orfeão Universitário do Porto, não seja uma digressão que dure mais ou menos tempo, consoante o nosso comportamento artístico encontre satisfação em maior ou menor grau, mas fique eternamente a perdurar porque a partir deste momento. Portugal e Brasil ficam perenemente ligados pelos mesmos anseios de cultura comum.

**Velhinho: eis-nos aqui! Nós somos hoje em dia
O retrato fiel do que tu fostes outrora.
Cantamos para ti toda esta melodia;
E tu hás-de sentir imensa nostalgia
Recordando o passado e ouvindo-nos agora.**

**Decerto evocarás com pena, com saudade,
A vida descuidosa, a vida fascinante
Da tua já passada e alegre mocidade:
Teus colegas, teus pais, a tua Faculdade
E a capa esfarrapada e negra de estudante.**

**Recordarás também as noites que cantante
Num palco quase igual a este onde cantámos...
Lembrarás o Orfeão que há muito já deixaste
E este velho estrado, o qual tu já pisaste
Tal como desta vez ainda nós pisamos.**

**Enquanto vês em nós o teu belo passado,
Nós sentimos também que um dia, desse lado,
Ouviremos cantar, co'a mesma comoção.**

**Velhinho: esse é o Destino atroz, inexorável!
Somos todos mortais! Eterno, inabalável,
Só fica o nosso Orfeão — perdoa! — o teu Orfeão!**

(Do livro «Amago», do orfeonista Flávio Serzedello)

Alves OCULISTA

JOSÉ M. ALVES & FILHO, SUCR.
ÓPTICA

MATERIAL DE LABORATÓRIO

R. do Carmo, 9 — P O R T O — Telefone, 25971

Vida de Estudante

Começaste essa vida aliciante,
Votando a ela todos os teus dias.
Conheceste as tristezas e alegrias
Que pouco mais perduram que um instante.

Viveste aquela vida estonteante
Dos bailes e das festas e folias...
Porém, também viveste as arrelias
Inerentes à vida de estudante.

Aulas, colegas, notas, professores,
O estudo, os exames e os suores
Que eles provocam — tudo conheceste!

Tiveste, é certo, contrariedades;
Mas grangeastes algumas amizades
Que duram toda a vida. Enfim: viveste!

Despedida

Tudo acabou! A hora da partida
Vai soar dentro em breve, finalmente;
E tu irás aos poucos, lentamente,
Iniciar confiante a tua lida.

Verás que vai custar-te a despedida!
Não julgues que a farás alegremente!...
Não vais abandonar, impunemente,
Esse tempo melhor da tua vida.

Mais tarde, quando o queiras recordar,
Chama teu filho e põe-te a folhear
O teu Livro de Curso; e diz, por fim,

Tendo no rosto uma expressão saudosa
E limpando uma lágrima teimosa:
— «Há vinte anos, filho, eu era assim!»

quatro sonetos

de **Flávio Serzedello**

Sonhando...

Sereno estava o mar; a noite, bonançosa.
Há pouco ainda o Astro refulgente,
Fanal de toda a vida e luz de toda a gente,
Cansado se deitara em berço cor-de-rosa.

E como que num sonho erguera-se a formosa
E prateada luz da Lua adolescente,
Tão branca, tão suave e pura, resplendente
No seu manto de paz, de alvura majestosa.

Amei, sofri, sonhei em face à Natureza
Que ao meu olhar pasmado assim se desvendava,
Vibrante de magia e plena de beleza.

E nesse sonhador cenário, tão bonito,
Perdido, extasiado, o meu olhar errava
P'la etérea imensidão do espaço, no Infinito!

O Canto

Dedicado ao Orfeão Universitário do Porto

O canto é a expressão mais pura de alegria!
Ao despontar da aurora, a dissipar-se ao vento
Enche todo o espaço azul do firmamento
Das aves matinais a alacre sinfonia!

Quanta vez uma suave e doce melodia
Nos toca o coração, nos fala ao sentimento!
E quanta vez o canto afasta o pensamento
Do rude labutar brutal do dia a dia!

No mar, desde os confins das mais remotas plagas,
A profunda e estentórea orquestração das vagas
Ascende clamorosa e altivamente aos céus.

Mas na senda cruel da nossa vida incerta,
O canto é para nós uma janela aberta
Por onde a alma voa em direcção a Deus!

Grupo de Fados e Guitarradas

FADOS

Parecendo à primeira vista ser fácil, para estudantes, falar do Fado, visto que ele é uma característica quase redissociável da «capa e batina», a verdade é que a nós próprios nos surpreende o facto de nem sequer sabermos defini-lo.

É que o Fado diz-nos na realidade tanto, sentimo-lo de tal maneira dentro de nós, porque ele é tanto de nós próprios, que



Grupo de Fados em actuação

só podemos explicá-lo cantando-o, tentando exteriorizar e transmitir aquilo que sentimos quando na noite se ergue o som nostálgico das guitarras e a Lua ouve as vozes dos cantores.

Por tudo isto, não podia o Orfeão Universitário do Porto deixar de manter com um carinho muito especial o seu Grupo de Fados e Guitarradas que desde sempre (e já passaram por ele várias gerações de estudantes) tem levado ao público que nos ouve quer a simples mensagem da sua arte, quer, para aqueles que o viveram, que o sentiram como seu, a recordação saudosa dum tempo que não volta.

Aliás, a saudade, a verdadeira saudade, é um dos temas mais procurados pelo Fado dos estudantes. De mãos dadas com o amor, a saudade está sempre presente, porque a saudade não morre. É bem verdade que

Saudade que nasceu hoje
E que amanhã se esqueceu
Não é saudade, é lembrança
Saudade nunca morreu.

E não é de estranhar que estes dois temas tenham quase monopolizado o fado dos estudantes, porque ele nasceu para ser cantado em serenata, nas noites de luar, sob janelas que fecham aposentos femininos, contando mágoas de amor, suplicando carinhos, às vezes um simples olhar.

Ora onde há amor há sofrimento e há saudade:

Saudades de amor ausente
Hão-de ser tristes por certo
Mas são mais tristes se a gente
As tem de alguém que está perto.

É assim uma serenata que o Grupo de Fados e Guitarras do O. U. P. transporta para o palco, tentando dar-lhe todo o ambiente que uma serenata deve ter.

Silêncio pois. Os fadistas não têm aplausos porque o seu espectáculo não é um espectáculo como os outros.

Eles cantam porque têm de cantar, porque o Fado lhes mora no coração, ao lado dum rosto de mulher.

E agora, atenção. O pano vai, subir.

Poesia

Cantando mesmo até quando a alma chora!...
Pode exprimir-se amor, cantando umas canções.
O canto é como a luz radiosa duma aurora
Que vai esvoaçando além, p'los ares fora
Derramando ventura e paz nos corações.

(Flávio Serzedello)



Um grupo de fados constituído por antigos Orfeonistas actuando no Sarau das Comemorações do Cinquentenário do O. U. P.



Orquestra de Tangos

do
Orfeão
Universitário
do
Porto

ORQUESTRA DE TANGOS

do Orfeão Universitário do Porto em actuação

Poderá parecer estranho que um universitário português, cultive um género musical originário das longínquas paragens da vida boémia de Buenos Aires e de pampa argentina; e mais se estranhará ao referirmos que a Orquestra existe há 28 anos ininterruptos. A sua história baseia-se em dois aspectos fundamentais: na dedicação dos seus componentes que, de geração em geração, vêm alimentando essa chama e na tradição que por força, daí lhe acabaria por advir. Na realidade, mais nada justificaria, ainda a sua existência.

Nos anos «30», na Europa e cremos que em todo o mundo civilizado, o tango era o ritmo da moda, como hoje, o «bossa-nova» ou o «yé-yé». A voz de Carlos Gardel dominava multidões e as orquestras paradigmavam as bem conhecidas de Francisco Canaro e Bianco Bachicha.

Assim, a Orquestra Universitária de Tangos nascia no ano de 1937, juntamente, com a Tuna Universitária do Porto (então organismo independente) sendo os seus elementos também componentes da referida Tuna e do O. U. P.. A Orquestra Universitária de Tangos simbolizava deste modo, o momento romântico da música ligeira da época e bem cedo as vozes dos seus intérpretes puderam rivalizar com as melhores do género.

A Universitária de Tangos continuou a sua actividade junto da Tuna até 1940, anos em que esta se extinguiu e aquela foi remodelada passando a pertencer ao O. U. P. com a designação que actualmente ainda usa de «Orquestra de Tangos do Orfeão Universitário do Porto», actuando regularmente em todos os seus saraus.

Orquestra de personalidade bem marcada..., teve nos estilos de dois vocalistas, José Guerra e Rui Calafate, os momentos da maior projecção. Gravando, recentemente, dois discos comerciais, atingiu lugar de relevo e popularidade marcada entre o público português.



CAPAS DOS DISCOS EDITADOS



TUNA

DO

ORFEÃO UNIVERSITÁRIO

DO

PORTO



Primeira Tuna Académica do Porto (1909)

A primeira Tuna Académica do Porto organizou-se em 1909, sob a direcção de Prazeres e Futuro Barroso, que viria também a ser o Regente do Orfeão de 1928. Este primeiro agrupamento, viria a ter, com o decorrer dos anos, uma existência agitada, sujeita a longos períodos de intermitência na sua actividade. Acaba por ser dissolvida, reaparecendo em 1922 sob a regência do saudoso académico e tuno Eng. Modesto Osório. Viveu então, uma das suas épocas áureas quer pelo nível artístico atingido, quer

pela actividade que Modesto Osório lhe imprimiu que, não só na qualidade de regente, mas principalmente de compositor lhe legou trechos de características profundamente vincadas e finamente adaptados ao tipo de composição de música de Tuna. A morte prematura desta saudosa figura de Tuno trouxe nova quebra à sua existência: a tuna mergulharia cerca de uma dezena de anos no caos, chegando mesmo a desorganizar-se. Surge de novo em 1937, com a designação de Tuna Universitária do Porto, sob a batuta do Maestro Afonso Valentim, sendo, todavia, efémera a sua existência.

Longos anos decorreram até que, em Novembro de 1960, um grupo de Orfeonistas, desejosos de reatar a tradição, organizou um Agrupamento que actuou em todos os saraus do OUP realizados nesse ano sob o nome de Orquestra Típica. A maneira entusiástica como o público acolheu a sua 1.^a actuação, a 11 de Março de 1961, em Vila do Conde e a forma como a distinguiu nas que se lhe seguiram foram de molde a que a ideia não estiolasse e assim, no ano seguinte, já com a actual designação de Tuna do Porto encetou brilhante carreira artística, marcando posição e adquirindo prestígio onde quer que tenha actuado, no Continente, na Província de Angola, em Espanha.

A esta nova reorganização está ligado o nome do Orfeonista Belarmino Soares, que a dirige artisticamente e lhe abre campo mais vasto de interpretação através de novas peças que compõe.

A Tuna impõe-se então pelo estilo do seu repertório, destacando-se o célebre tango «Amores de Estudante» de autoria dos antigos Orfeonistas Drs. Paulo Pombo e Aureliano da Fonseca, composto há 26 anos e que constitui o Hino da Tuna e da própria Academia Portuense.



Actual Tuna do O. U. P.



**GRUPO DE
MORNAS E
COLADEIRAS**

DE

Cabo Verde

Não se tem limitado, ao continente metropolitano, o interesse pelo estudo e interpretação da arte genuinamente portuguesa. Desde há muito, incluía o OUP, nos seus Saraus, cantares e ritmos de Cabo Verde.

Recentemente, a circunstância de ter entre os seus elementos três simpáticas manas, naturais de Cabo Verde, permitiu que essa actividade atingisse proporções notáveis — com a gravação de um disco comercial.

Uma das mais genuínas manifestações do sentir do cabo-verdiano encontra-se na sua música, nas suas características «Morna» e «Coladeira».

O sangue e o clima, a influência do europeu, a solidão das ilhas, a suavidade e expressão do dialecto crioulo explicam muito da natureza e génese do folclore de Cabo Verde.

A «Morna» é uma canção dolente, sensual, quase fado ou, mais propriamente, o fado tocado à viola ou violino por cabo-verdianos. Através do seu ritmo, exprime o português de Cabo Verde o drama que

lhe atormenta a vida: a chuva que não cai... o barco que partiu... a saudade da sua terra... o amor da sua «cretteu»...

Há qualquer coisa de indefinível melancolia na «Morna» plangente, arrastada e saudosista, em contraste com a sua antítese — a «Coladeira» — cheia de ritmo e vivacidade e de conteúdo irónico ou sarcástico.

Ambas são a expressão viva da alma cabo-verdiana «pelo mundo repartida» e constituem duas das mais valiosas jóias do folclore musical português.

Categorizados investigadores, estudiosos das relações étnicas e folclóricas do Mundo Português, encontram profundas e sugestivas provas da influência caba-verdiana no folclore Brasileiro da Baía — ambas resultariam da interpenetração sócio-cultural do branco metropolitano com os negros, oriundos na sua maioria da costa da Guiné.

Nas actuações deste conjunto, em que as gentis universitárias Alice, Dulce e Luísa Costa, conseguem



Em actuação no Sarau Anual

transmitir toda a beleza e força emotiva do cantar CABO-VERDIANO, realiza-se, com evidência, a junção do sentir português na sua plurifacetada expressão:

«Conflito numa alma só
De duas almas contrárias
Buscando-se, amalgamando-se
Numa secular fusão».

(Jorge Barbosa)

A DANÇA DOS PAULITEIROS DE MIRANDA DO DOURO no Orfeão Universitário do Porto

A província de Trás-os-Montes, do recanto nordeste de Portugal, confinando com terras espanholas da Galiza e de Leão, conserva velhos costumes num tal estado de vivência e de frescor que fazem dela um autêntico relicário de etnografia portuguesa. Nela há bailados de beleza singular, dos quais, o mais notável é a «DANÇA DOS PAULITEIROS», de enorme e bem merecida nomeada, que se dança em várias povoações do concelho de Miranda do Douro. Assim chamada devido aos dançadores usarem paus de cerca de quarenta centímetros durante as suas evoluções coreográficas, é essencialmente máscula, vigorosa e por isso somente executada por homens, exigindo para a sua prática uma incalculável presteza.



A origem desta dança é muito discutida. Há quem afirme ser de origem sagrada, mas se observarmos bem, como o fez Antero de Figueiredo, se virmos os Pauliteiros postos frente a frente em duas filas, vestidos à maneira dos guerreiros antigos, chapéu emplumado na cabeça à laia de capacete com penacho, empunhando os seus «palotes», a par de castanholas, gaita de fole e tamboril, investindo uns contra os outros a um sinal dado, penetrando-se as duas filas, envolvendo-se, baralhando-se, reconstituindo-se com pasmosa agilidade para logo se tornarem a confundir, atirando-se incessantemente pancadas rítmicas à cabeça, ao peito, às pernas, pela frente, pela retaguarda, à direita, à esquerda, pancadas que o adversário desvia ou apara nos seus paus com perícia, saltando, para ferir o adversário, por cima da cabeça dos que o cercam, parando repentinamente em fila para dançar ao som das castanholas, que tocam, e recomeçando com a mesma brevidade o ataque, saltando ao ar ou em avanço, como para transpor obstáculos, então reconheceremos estar ante uma dança guerreira de duas filas de homens, que se atacam ou exercitam na esgrima, correndo e saltando por entre espadas e lanças afiadas, a fim de se familiarizarem com os perigos e adquirir ao mesmo tempo agilidade, elegância e graça nos movimentos.

A opinião mais vulgarizada é de que a dança dos Pauliteiros descende da dança Pírrica dos Gregos. Numerosas são as características que, se não identificam as duas danças, servem ao menos para auxiliar o estudo genético da sua evolução, comparando os movimentos acelerados e rítmicos dos dançantes guerreiros da antiguidade clássica, não a sua expressão bélica introduzida em

Roma e desta comunicada até nós, mas nas suas semelhanças de atitudes coreográficas que nos mostram terem os costumes dos discípulos de Pirros sido conservados na tradição viva dos rústicos habitantes das Terras de Miranda.

Folclore com características tão típicas e evocativas, não poderia deixar de influenciar os naturais transmontanos transplantados para a Universidade do Porto e seu Orfeão, a procurarem criar aí o ambiente folclórico que lhe falasse das tradições da sua terra natal. Assim, depois de amadurecida durante alguns anos, a ideia frutificou no Grupo dos Pauliteiros do Orfeão Universitário do Porto.

As águas furtadas da actual Faculdade de Economia são as primeiras testemunhas do esforço e da persistência desse grupo de oito Orfeonistas que febrilmente ensaiavam, esquecendo não raras violências físicas sobre os seus dedos, até poderem finalmente apresentar a público um número que, sempre dos mais aplaudidos, se vem mantendo sem interrupções de há dez anos a esta parte. De quem a ideia da criação dum Grupo de Pauliteiros no O. U. P.? De quem a sua execução? Cabe-me recordar, como único sobrevivente, no O. U. P., desse grupo de amigos fixos, unidos pela mesma ideia de tornar o nosso querido Orfeão cada vez maior e mais conhecido.

Aqui deixo os seus nomes, para que os vindouros lhes fiquem gratos pelo património folclórico herdado do seu esforço:

Belmiro Neves Antão
Alberto Augusto Castro Pintado
Mário do Nascimento Noro Gomes
Serafim Correia Pinto Guimarães
Serafim dos Santos Guimarães
José da Paz Brandão Rodrigues dos Santos
Artur Mário Gonçalves de Oliveira e Silva
Jorge Maciel de Brito Limpo Trigueiros

Os diversos bailados ou «laços» desta dança têm cada um letra própria evocando determinados motivos, guerreiros, religiosos, passionais ou lendários.

No nosso Grupo os que têm tido maior êxito são: Palomas, Vinte e cinco, Campanitas, Padre António, Ofícios e o «Mirandun». Este último, que é um dos mais célebres, evoca o capitão Mirandum, desaparecido durante uma escaramuça com os espanhóis. E durante longos tempos as mulheres e as crianças se deslocavam às arribas do Douro chorando a morte do valente capitão, esperanças que aparecesse, ainda, no meio dos rochedos, o heróico defensor das Terras de Miranda. Mas,

*«... La eternidad se passa,
Mirandum no vino ya...»*

Alberto Castro Pintado
(Presidente da A. G. da OUP e chefe do Grupo de Pauliteiros)

Grupo de Danças Regionais



GRUPO DE DANÇAS REGIONAIS

Danças e cantares do povo Português, sempre mereceram ao O. U. P. a melhor atenção.

São uma das mais vibrantes e expressivas manifestações de arte do povo, nos seus momentos de trabalho ou de divertimento. Arte simples, livre de condicionalismos e preconceitos, traduz da forma mais exuberante o sentido rítmico e a sensibilidade musical do povo Português. Danças e cantares do povo constituem para o universitário um vasto campo de educação de uma apreciação estética e de aperfeiçoamento da sua capacidade de harmonização, música e cor.

O O. U. P. dedica o maior interesse à divulgação do folclore nacional, tendo sido o primeiro organismo universitário a apresentar números deste género.

Assim, de entre as suas múltiplas actividades, destaca-se o constante labor de um Grupo de Bailados Regionais, cuja criação data de 1949 e que já exibiu, entre muitas outras, danças das regiões de Braga, Viana do Castelo, Arco de Valdevez, Santo Tirso, Miranda do Douro, Ribatejo, Algarve, Ilha da Madeira, Arouca e S. Martinho do Campo.

DANÇAS DA MADEIRA

A Ilha da Madeira, a mais formosa ilha do Atlântico, possui um folclore rico de beleza e graciosidade, que deixa profunda impressão em quem o aprecia. O folclore madeirense é caracterizado pela forma especial como os dançarinos o executam, semelhando borboletas esvoaçando em torno de imaginárias flores.

A posição curvada, que os dançarinos tomam, enquanto bailam, traduz, simbolicamente, o modo de andar dos madeirenses, que, no seu trabalho, transportam diariamente pesados fardos, pelas íngremes encostas da ilha.

A graça dos passos, aliada à variedade dos motivos coreográficos e à sóbria confecção dos trajes deixam-nos a ideia de um folclore de qualidade superior, susceptível de originar, por estilização adequada, belos motivos de ballet.



PARA
CÂMBIO E VIAGENS
UTILIZE A ORGANIZAÇÃO



TURISMO

RIO DE JANEIRO
AV. RIO BRANCO, 125-B
COPACABANA
AV. N. S.ª DE COPACABANA, 391-B

S. PAULO
RUA 3 DE DEZEMBRO, 64

CORRESPONDENTES EM PORTUGAL

PINTO DE MAGALHÃES
BANQUEIROS

UMA ORGANIZAÇÃO MODERNA E EFICIENTE
PARA TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

PORTO—LISBOA
AMARANTE—ARCOS DE VALDEVEZ
CHAVES—COVA DA PIEDADE
ELVAS—PENICHE—TOMAR
VILA DA FEIRA—FÁTIMA



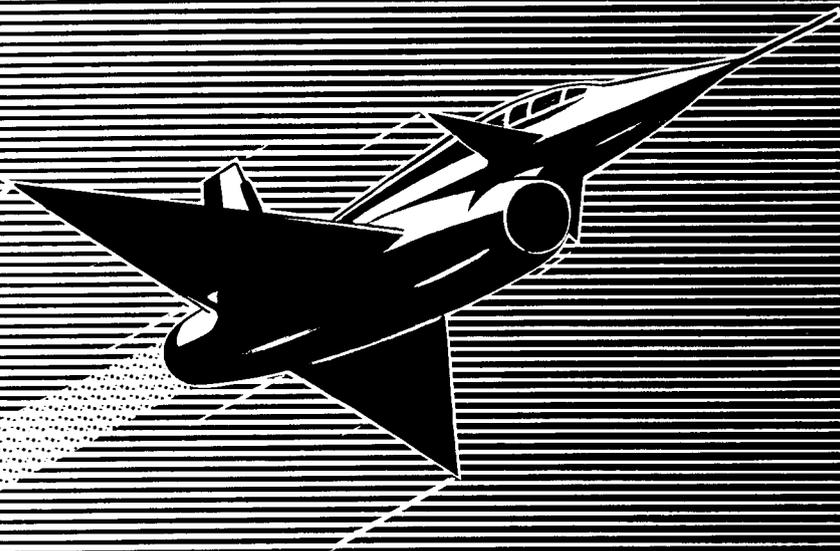
RIO DE JANEIRO

BANCO PINTO DE MAGALHÃES S. A.

RUA DO OUVIDOR, 86



"JET-FUEL.."



SACOR



AO SERVIÇO DA AVIAÇÃO PORTUGUESA